



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**O FEMININO E A MULHER NA PSICANÁLISE:
CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS**

BEATRIZ CUNHA CARDOSO ROCHA

Brasília, DF

2022



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**O FEMININO E A MULHER NA PSICANÁLISE:
CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS**

Beatriz Cunha Cardoso Rocha

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Antloga

Brasília, DF

2022

O FEMININO E A MULHER NA PSICANÁLISE: CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Carla Antloga
Universidade de Brasília – PCL/IP
Presidente da Banca

Prof^ª. Dr^ª. Eliana Rigotto Lazzarini
Universidade de Brasília - PCL/IP
Membro Titular

Prof^ª. Dr^ª. Tania Cristina Rivera
Universidade Federal Fluminense - GAT
Membro Titular

Prof^ª. Dr^ª. Renata Alves Monteiro
Universidade de Brasília - NUT/FS
Membro Suplente

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	6
Apresentação.....	7
Estudo 1 - A historicização do feminino e seu impacto para a teoria psicanalítica.....	11
Resumo.....	12
Abstract.....	13
Resumen.....	14
Introdução.....	15
As Bases do Patriarcado.....	18
Bruxas e Santas.....	22
Revoluções e a Mulher da Modernidade.....	25
Conclusão.....	28
Referências.....	32
Estudo 2 - O feminino e a mulher na psicanálise brasileira: uma revisão da literatura indexada.....	35
Resumo.....	36
Abstract.....	37
Resumen.....	38
Introdução.....	39
Método.....	42
Resultados.....	43
Eixo 1 - Diálogos com o Gênero.....	45
Eixo 2 - A Lógica do Todo e Não Todo Fálico.....	48
Eixo 3 - Feminino e Maternidade.....	50
Eixo 4 - A Invisibilização da Mulher Negra.....	54
Conclusão.....	56
Referências.....	58
Estudo 3 - A “verdadeira mulher”: controvérsias e debates sobre o feminino em Psicanálise.....	64
Resumo.....	65
Abstract.....	66
Resumen.....	67
Introdução.....	68
O Feminino para Freud.....	71
As Contribuições e Controvérsias Lacanianas.....	76
O Falocentrismo: Definições e Críticas.....	78
Partindo de um Novo Ponto: Teorias Não-Falocêntricas.....	81
Conclusão.....	83
Referências.....	85
Encerramento.....	88

até hoje ninguém foi capaz
de medir o seu tamanho
você é caos
e coração
você é oceano
e furacão
te desvendar
é pra quem não teme
mulheres infinitas

- *Ryane Leão*

Agradecimentos

À minha orientadora, Carla, por sempre ter confiado em mim e na minha capacidade, mesmo quando eu duvidava de tudo, e por fornecer conforto, olhar crítico e orientação.

Aos membros da banca, Eliana, Tânia e Renata, mulheres e profissionais pelas quais eu possuo uma profunda admiração.

À minha família e, especialmente, à minha avó Regina e à minha mãe, Juliana. Sem o apoio de vocês esse processo teria sido mais difícil e pesadoso e eu também não teria me tornado a mulher que sou hoje. Obrigada por me ensinarem tanto e por permitir que eu ensinasse a vocês.

Ao meu amigo, colega de profissão e parceiro de vida, Kevin. Não possuo palavras suficientes para agradecer pelo seu constante suporte, pelas conversas infundáveis, pelos elogios e admiração. Você sempre esteve comigo nos momentos de sofrimento, de reflexão e de alegria.

Ao Psitrafem, por fornecer tantos debates, reflexões, espaço e amigos. Sem esse grupo, esse mestrado não existiria.

À Marina, à Clara e à Sofia. Vocês estão comigo desde o começo dessa jornada e contribuíram como amigas e pesquisadoras para esse trabalho inúmeras vezes.

Por fim, aos meus queridos amigos: Letícia, Elizabeth, Andrielli, João, Iuri, Yuri, Matheus, Felipe e Flávia. Obrigada pelo apoio e pelos momentos necessários de diversão.

Apresentação

As ligações existentes entre o feminino e a Psicanálise já foram, e ainda são, exploradas a partir de múltiplas lentes. Ao longo do meu trajeto de elaboração desta dissertação, fui tocada em diversos momentos pelas contradições e inquietações que o tema provoca. Fiquei extremamente angustiada ao estudar sobre o feminino e a mulher tanto pela perspectiva da Psicanálise clássica, quanto pela dos Estudos de Gênero e do Feminismo, pois, mesmo que ambas critiquem uma a outra e em certos pontos caminhem em direções diferentes, eu concordava com as duas. Assim, neste trabalho pude aprofundar meus conhecimentos como psicóloga e também avaliar e ressignificar aspectos do ser mulher que permeiam minha vida, tornando essa experiência um período de crescimento profissional e pessoal.

Esta dissertação está composta por 3 artigos, que resultam do percurso teórico adotado para esta investigação. Quanto ao formato, a opção por artigos reflete uma tendência do programa de pós-graduação ao qual me vinculo, o PsiCC-UnB, bem como um desejo de publicizar o quanto antes os achados deste estudo. Posteriormente, a intenção é utilizar os elementos aqui (re)pensados para a publicação de um livro.

A escolha da escrita dos artigos em primeira pessoa traduz uma inquietação que partiu da leitura dos trabalhos de Helen Longino e de Gerda Lerner. De Longino (2008)¹, veio a necessidade de demarcar nosso lugar como pessoas que estão a repensar a epistemologia. De Lerner, uma demanda por narrar a história de um lugar específico, e não como se eu fosse um sujeito oculto, ou inexistente.

Desde o início da elaboração desta dissertação, desejava apresentar o caráter histórico que influenciou a visão freudiana sobre as mulheres e o feminino. Mesmo compreendendo que as obras freudianas são um produto de sua época, me incomodava não ouvir falar do

¹ Longino, H. E. (2008). Epistemologia feminista. In J. Greco, & E. Sosa (Orgs.), *Compêndio de epistemologia* (pp. 505-546). Edições Loyola.

contexto cultural e histórico que influenciava a sociedade e as mulheres, e sobre como sua posição na sociedade não era algo intrínseco. Se a maternidade é estipulada como o destino mais normal para a feminilidade, o que as levou a desejar isso? Foi sempre dessa maneira? Por que alguns teóricos ainda defendem essa parte da teoria mesmo sabendo que a relação entre as mulheres e o feminino mudou tanto? Essas foram algumas das questões que me acompanharam.

Uma porta se abriu para mim quando comecei a ler sobre a história que nunca aprendi na escola, ou seja, a história das mulheres. Fiquei inspirada especialmente pela historiadora Gerda Lerner, que defende que a historicização permite o rompimento de tradições que mistificam o patriarcado, “tornando-o a-histórico, eterno, invisível e imutável” (p.66, 2019)². Foram com tais incômodos em mente que escrevi o primeiro estudo desta dissertação: “A historicização do feminino e seu impacto para a teoria psicanalítica”.

Continuei desejando manter esse caráter histórico, mas no segundo estudo, “O feminino e a mulher na Psicanálise brasileira: uma revisão da literatura indexada”, procurei avaliar como o tema está sendo discutido e desenvolvido nos últimos anos. A questão de como se encontra o cenário de produção teórica hoje tornou-se fundamental para mim, principalmente após constatar a quantidade massiva de debates sobre o tema desde a época de Freud e também a constituição de novas teorias sobre o feminino que desafiam os preceitos clássicos. A escolha por estudar o contexto de pesquisa brasileiro partiu da dúvida se este influencia na maneira como a produção científica brasileira aborda a Psicanálise, já que a maioria das teorias utilizadas foram elaboradas a partir de um contexto branco e europeu.

Finalmente, retornei a um dos pontos mais controversos do debate sobre o feminino para a Psicanálise e presente em minhas próprias angústias como pesquisadora: o falo. Como mencionado anteriormente, fiquei intrigada com a possibilidade de teorias que fugissem dessa

² Lerner, G. (2019). *A Criação do Patriarcado*. Cultrix.

lógica fálica para falar da mulher e quis lançar uma luz a esse debate que é uma constante nas discussões sobre feminino, mulheres e psicanálise. Assim, em “A “verdadeira mulher”:
controvérsias e debates sobre o feminino em Psicanálise”, busquei dar vazão à angústia sobre a qual comentei no início desta apresentação e que me acompanhou durante toda a escrita desta dissertação. Apresentando tanto teorias falocêntricas quanto não-falocêntricas, assim como suas críticas, questionei o porquê de alguns teóricos ainda buscarem uma única definição para o feminino e para as mulheres, sendo que é próprio de seu caráter essa infinitude e multiplicidade.

Dessa forma, discuto aqui aspectos históricos e epistemológicos deste tema que me toca profundamente e espero que o leitor ou leitora sinta-se mobilizado a questionar sobre o fazer teórico psicanalítico relacionado às mulheres e a refletir sobre quais serão os próximos passos que daremos neste debate. Desejo a todas uma boa leitura!

“Nós queremos culpar um indivíduo para que todos os outros sejam isentos de culpa. Ou culpamos um processo histórico como forma de exonerar os indivíduos. Ou é tudo um caos anárquico, com a mesma consequência. Eu tenho a impressão de que existe, existiu, uma cadeia de responsabilidades individuais, todas elas necessárias, mas não uma cadeia tão longa que todo mundo possa simplesmente culpar todo mundo. Mas, é claro, meu desejo de atribuir responsabilidade pode ser mais um reflexo do meu próprio modo de pensar do que uma análise justa do que aconteceu. Esse é um dos principais problemas da história, não é, senhor? A questão da interpretação subjetiva versus a interpretação objetiva, o fato de que nós precisamos conhecer a história do historiador a fim de entender a versão que é colocada diante de nós.”

Julian Barnes

ESTUDO 1

A historicização do feminino e seu impacto para a teoria psicanalítica³

The history of the feminine and its impact on Psychoanalysis
La historia de lo femenino y su impacto en la teoría psicoanalítica

³ Manuscrito submetido à revista *Subjetividades*.

Resumo

Neste estudo, discute-se como a história ocidental das mulheres influenciou o entendimento sobre o feminino para a teoria psicanalítica freudiana. Entende-se aqui que a psicanálise foi influenciada por todo um contexto patriarcal e misógino que permeia a sociedade desde sua fundação. Dessa forma, analisa-se o surgimento da civilização patriarcal, as lutas anti feudais, a caça às bruxas e o início da Modernidade, focando nos discursos sociais que moldaram a relação das mulheres com o corpo, a família, o trabalho e a sexualidade. Questionamos, por fim, o papel desses discursos na teoria psicanalítica e a importância de revisitarmos nossa história para ressignificarmos o feminino.

Palavras-chave: Psicanálise; Mulheres; Feminilidade; História; Feminismo

Abstract

This article discusses how the western history of women influenced the understanding of the feminine for psychoanalytic theory. We understand that psychoanalysis was influenced by a patriarchal and misogynistic context which permeates society since its foundation. We will analyze the emergence of the patriarchal civilization, the anti-feudal rebellions, the witch-hunt and the beginning of Modernity, focusing on the social discourses that have molded women's relationship with their bodies, family, work and sexuality. Finally, we question the role of these discourses on psychoanalytic theory and the importance of revisiting our own history to reframe the feminine.

Keywords: Psychoanalysis; Women; Femininity; History; Feminism

Resumen

Discutiremos cómo la historia occidental de las mujeres influyó en la comprensión de lo femenino para la teoría psicoanalítica. Se entiende aquí que el psicoanálisis estuvo influido por un contexto patriarcal y misógino que impregna la sociedad desde su fundación.

Analizaremos desde el surgimiento de la civilización patriarcal hasta el inicio de la Modernidad, centrándonos en los discursos sociales que moldearon la relación de las mujeres con el cuerpo, la familia, el trabajo y la sexualidad. Finalmente, cuestionamos el papel de estos discursos en la teoría psicoanalítica y la importancia de revisar nuestra historia para resignificar lo femenino.

Palabras clave: Psicoanálisis; Mujeres; Historia; Femenidad; Feminismo

Introdução

A Psicanálise é um campo de conhecimento que, mesmo após mais de um século desde sua criação, continua a levantar debates e controvérsias, sendo a visão psicanalítica das mulheres e do feminino um dos temas amplamente discutido ao longo dos anos. A teoria psicanalítica freudiana sobre o feminino já passou por diferentes versões e críticas, o que reforça a centralidade que tal conceito possui para a área. Assim, discutir o feminino torna-se essencial, já que este foi um significante fundante para a Psicanálise (Neri, 2005).

Procuramos, portanto, revisar o contexto histórico do feminino, para que seja possível compreender as influências e origens do pensamento psicanalítico freudiano sobre as mulheres e para que possamos abrir caminho a outras visões e ressignificações com relação ao tema, visto que com o passar do tempo surgiram novas formas de subjetivação e mal-estar no que diz respeito ao feminino e ao ser mulher, impactando significativamente a ciência e a cultura (Lago, 2010).

Entendida como uma teoria que enlaça Filosofia, História, Biologia, Literatura e mais, a criação da Psicanálise foi influenciada pelo *zeitgeist* do séc. XIX. Como apontado por Neri (2005), a Psicanálise nasceu em meio ao avanço do positivismo científico e de movimentos como o romantismo e a modernidade vienense. Nestes últimos, predominavam a rejeição de ideais iluministas e pautados na razão, dando espaço ao corpóreo e ao sensível e ligando mitos à ciência, prática esta pode ser observada na obra de Freud. Assim, vemos nessa época, a crise do sujeito da razão masculino e a emergência de questões sobre o Eu, que coincidem com a entrada em cena das mulheres e do feminino nos discursos social, político e epistemológico (Kehl, 2016). Ao se tratar do feminino, diversas teóricas analisam a influência da história no pensamento freudiano com relação ao tema. Algumas o criticam por perpetuar valores patriarcais e conservadores sobre as mulheres, enquanto outras dizem que Freud estaria denunciando e criticando o funcionamento cultural e psicológico da sociedade

moderna (Lago, 2010). Durante os séculos XX e XXI, o feminino continuou em pauta nos debates psicanalíticos, sempre sofrendo modificações, explicações e ressignificações conforme o passar dos anos. Novas correntes feministas e concepções sobre gênero influenciaram massivamente para que essa questão continuasse relevante entre estudiosos de diferentes áreas, tecendo reflexões, críticas e gerando novos referenciais teóricos e não falocêntricos (Moraes & Coelho Junior, 2010). Consideramos necessário, porém, ir mais longe na história para compreendermos as raízes do pensamento psicanalítico sobre o feminino em Freud, já que este tem forte influência na Psicanálise até hoje.

Podemos dizer que a sociedade ocidental tem em suas bases tanto o machismo quanto a misoginia, ou seja, nossa cultura não apenas coloca as mulheres em um patamar inferior ao dos homens como também promove a violência e o ódio contra estas (Moterani & Carvalho, 2016). Desde sua fundação, podemos observar eventos, mitos e figuras históricas que denunciam e perpetuam esse aspecto da nossa cultura. Porém, tais acontecimentos nem sempre foram observados e relatados de maneira a levar em conta as experiências das mulheres que os vivenciaram. Em geral, a história do mundo foi narrada a partir de uma perspectiva bem específica, a masculina, dando a entender que as mulheres não eram ativas na construção e desenvolvimento da nossa sociedade e cultura (Lerner, 2019). Isso, no entanto, não é verdade. A partir disso, podemos pensar em quais são as implicações da predominância de uma perspectiva histórica e científica masculina?

Do ponto de vista epistemológico, Longino (2008) discorre sobre a maneira como as definições de conceitos, as análises de resultados e até os métodos utilizados na produção de conhecimento estão sujeitos a interferências de crenças sociais e pessoais dos pesquisadores. Outro ponto relevante de sua teoria é quando a autora aponta que a objetividade científica não parece ser tão objetiva assim, privilegiando uma visão de mundo eurocêntrica, branca e masculina. Dessa maneira, o sujeito da ciência (e também a maioria dos autorizados a

produzi-la) tende a ser o homem branco, enquanto indivíduos que não estão dentro desta categoria são reduzidos a meros “outros” (Longino, 2008). Isso abre espaço para o apagamento ou distorção de suas histórias e experiências, além de um silenciamento de suas vozes dentro da comunidade científica. As mulheres, ao longo dos séculos, têm suas narrativas constantemente apagadas pelas bases de conhecimento hegemônicas, sendo relegadas a esse “outro” lugar. Assim, observamos que as ciências desempenham, na maior parte do tempo, um papel meramente descritivo ao se referir à história das mulheres no mundo, não dando prioridade em sua investigação e análise como acontece com questões relacionadas ao masculino.

Por séculos, o sistema patriarcal e a suposta submissão das mulheres foram tidos como naturais e a-históricos, escondendo-se, inclusive, em formato de ciência, na tentativa de justificar e perpetuar tais ideais. Porém, com o avanço de estudos nas disciplinas de História das Mulheres, Estudos de Gênero e Feminismo observamos que tais sistemas não são intrínsecos.

A investigação do sistema patriarcal e da história das mulheres busca entender os eventos simultâneos e as multiplicidades que produziram nossa história como a conhecemos hoje, a partir de uma perspectiva não androcêntrica. Para Lerner (2019), dar historicidade ao sistema de dominância masculina é pôr em xeque a tradição que postula o patriarcado como mítico, eterno e imutável. Assim, torna-se necessário expor outros registros e análises desse contexto que considerem como se deu essa disparidade entre os sexos. Esse processo permite a identificação de metáforas, representações e evidências que promoveram e promovem esse modo de pensar na nossa cultura. Podemos, assim, desconstruir ou ressignificar tais aspectos e permitir a criação de novas configurações simbólicas no contexto social, político e científico.

Ao expormos e discutirmos neste artigo certos registros históricos sobre as mulheres no ocidente, focaremos nos acontecimentos que tangem à formação e perpetuação da cultura patriarcal e do feminino, explorando como podem ter influenciado a teoria psicanalítica freudiana. Ressaltamos que este é um recorte histórico que permeia a história geral de mulheres brancas na Europa, visto que é desse contexto que a Psicanálise surge e que não pretendemos esgotar tal discussão.

Escolhemos tratar de três momentos em específico. O surgimento da civilização e da organização social mesopotâmica, que demonstra as bases patriarcais da nossa sociedade; a caça às bruxas e o advento do capitalismo europeu, que demonizou a sexualidade feminina e influenciou na desvalorização do trabalho reprodutivo, majoritariamente realizado por mulheres; e a Europa do século XIX, que influenciou diretamente o pensamento freudiano, além de ter estabelecido a noção de feminilidade conservadora que perdura até os dias de hoje em diversas culturas. Dessa maneira, revisitando nossa formação histórica no que diz respeito aos sexos, acreditamos ser possível visitar a Psicanálise e assim, estimular a elaboração de novos caminhos teóricos sobre o feminino e as mulheres que não tenham como base uma epistemologia e uma cultura androcêntrica.

As bases do patriarcado

A civilização ocidental-cristã contemporânea se alicerça em milênios de opressão e ódio sobre o gênero feminino. A misoginia é um dos pontos construídos pelo processo histórico, em que os homens limitaram as mulheres a uma posição de reificação.

Gradualmente, as próprias mulheres internalizaram esse sentimento e tentaram encaixar-se para caber em um mundo de narrativas e protagonistas masculinos (Beauvoir, 1949/2016).

Geralmente, podemos identificar essas narrativas por meio de mitos e histórias difundidos pela cultura. Personagens da mitologia grega como Circe, Medeia e Jocasta são exemplos de mulheres que estavam presentes nas histórias, mas seus sentimentos e ações

apareciam sempre pelo filtro do olhar masculino do protagonista ou do autor (Robles, 2019). Tais histórias, tão popularizadas, contribuíram para reforçar o suposto lugar de inferioridade da mulher em relação ao homem, além de normalizarem a misoginia ao colocar a mulher no lugar de representante no mal e do pecado, como foram os casos de Pandora e, mais tarde, Eva (Moterani & Carvalho, 2016). É possível verificar o impacto dos valores e ideais difundidos por esses mitos até hoje, inclusive no pensamento psicanalítico freudiano. Para Freud, assim como em várias dessas histórias, o feminino está relacionado à passividade e à submissão, ou seja, a mulher tenderia a abdicar seu desejo e sua própria subjetividade em favor do desejo do Outro (Oliveira & Nicolau, 2020).

Também é discutido por Freud o papel da maternidade na vida das mulheres. É comum observarmos discursos que pautam a maternidade e o cuidado com os filhos como sendo biologicamente inerentes às mulheres, sendo, portanto, sua obrigação cumprir com esse papel. Na Psicanálise, Freud (1933/2010) irá postular que para alcançar a feminilidade verdadeira e ter um desenvolvimento psíquico “normal”, o destino das mulheres seria a maternidade, pois o bebê seria como um substituto do falo/pênis que foi para sempre perdido e que seria desejado pela mulher desde sua infância.

De fato, o laço existente entre mãe e bebê foi fortalecido durante a evolução da nossa espécie, pois os bebês humanos passaram a nascer prematuramente quando comparados a outros mamíferos, sendo, portanto, mais frágeis e demandando maior cuidado. Dessa forma, as mulheres detinham um poder imenso frente à sobrevivência dos bebês, uma vez que a gestação e o desenvolvimento da criança nos primeiros meses dependiam quase exclusivamente da mãe biológica. Porém, tal explicação inicial para a maternidade como um destino natural e biologicamente premeditado para as mulheres tornou-se insuficiente para abarcar nossa realidade atual, principalmente com o advento de tecnologias que permitem que a mãe fique longe do bebê ou que outras figuras exerçam seu cuidado (Lerner, 2019).

Assim, considerando que o pensamento freudiano clássico continua sendo extremamente utilizado, parece insuficiente dizer que a maternidade é o único caminho psiquicamente normal que as mulheres possam seguir, reduzindo suas subjetividades e afetos a sua função reprodutora.

Em relação a sexualidade feminina, um dos pensamentos trazidos por Freud (1933/2010) é a característica de que as mulheres, principalmente a partir da adolescência, agiriam de maneira mais recatada com relação ao seu desejo sexual, sendo o caminho natural para a satisfação, casar-se e ter filhos. Nesse caso, Freud (1908/2015) chega a debater sobre como essa atitude com relação ao sexo e a família que diversas mulheres possuíam na época deve-se a uma moral cultural e a um tabu com relação a sexualidade como um todo. No entanto, o autor não chega a se aprofundar em como se deu tal componente da moral cultural e esse maior repúdio pela sexualidade feminina.

Um dos primeiros teóricos a historicizar a sexualidade, a formação da família e dos papéis sociais foi Engels (1884/1984), que entende o acúmulo de riquezas e o advento da propriedade privada como um momento crucial para a formação da sociedade, culminando no estabelecimento da família monogâmica. Na nova configuração de família, a mulher deveria fidelizar-se sexualmente a um só homem, ficando restrita ao lar e à manutenção da família no âmbito privado para que fosse possível assegurar a paternidade de seus filhos. O objetivo dessa prática era garantir o prosseguimento da linhagem paterna, mantendo as riquezas acumuladas na família através da herança aos filhos legítimos.

Nesse cenário, com seu corpo e sexualidade apropriados por meio da escravização e do estupro, a única maneira de uma mulher aumentar seu *status* econômico e social era através da aliança matrimonial. Porém, mesmo obtendo benefícios políticos e sociais, para manter seu poder como esposa, a mulher ainda devia escravidão sexual e reprodutiva ao seu marido, podendo sofrer punições extremamente severas caso recusasse ou questionasse esse

papel. Ademais, é necessário frisar que a união matrimonial e a monogamia foram, por séculos, condições exigidas apenas para as mulheres, pois os homens continuavam livres dessas obrigações, tendo, inclusive, escravas concubinas (Beauvoir, 1949/2016).

Outro ponto importante, é que a escravização de prisioneiras mulheres teria sido considerada mais vantajosa, já que elas seriam mais fáceis de controlar pela força física ou por meio do estupro. Nesse sentido, ser escrava e mulher tinha outra dimensão, pois necessariamente significava, além dos trabalhos forçados, a escravidão sexual (Lerner, 2019). Assim, ser um objeto sexual tornou-se uma realidade de dominância para as mulheres escravas e livres durante toda a história.

Durante o surgimento da civilização, vemos, portanto, como os homens foram estabelecendo sua hegemonia e impondo o patriarcado como sistema fundamental para o funcionamento econômico e político da sociedade. O patriarcado instituiu-se, assim, como prática pública legitimada pela lei, tomando o espaço de Estado e de perpetuação da ideia de dominância dos homens e inferiorização das mulheres (Lerner, 2019). A liberdade das mulheres, principalmente sexual, seria uma ameaça a esse sistema, o que leva a sociedade a criar mitos e narrativas que mantivessem no imaginário cultural essa “naturalidade” da passividade e submissão feminina.

Além disso, perpetua-se a noção de reprodução como papel obrigatório das mulheres, já que gerar novos filhos seria algo fundamental para a prosperidade da civilização. Ao mesmo tempo que essa importância na maternidade é estipulada, as mulheres não são autorizadas a sentirem prazer ou mesmo entrarem em contato com seus corpos, que são ainda mais inferiorizados por sua ligação ao sensível e à natureza, concepção muito difundida entre teóricos e filósofos do período como sendo menos importante que a lógica e a razão (Beauvoir, 1949/2016). Ao longo dos séculos, esse sistema se fortifica e é difundido.

Ao analisarmos esses acontecimentos, é possível observar que a ideia do casamento como algo praticamente obrigatório e desejado para as mulheres surgiu há séculos, sendo perpetuada até o século XIX e apontada por Freud em sua teoria. Ao entendermos que a sexualidade feminina diz respeito a questões políticas e econômicas e que a função reprodutiva das mulheres passou a ser tratada como propriedade de Estado, torna-se possível questionar a passividade, a submissão e o repúdio sexual das mulheres como sendo ideais femininos, seja em contexto social ou psicanalítico.

Bruxas e santas

A partir da Idade Média, com o surgimento dos feudos, as dinâmicas familiar e econômica sofreram algumas alterações, como uma maior diferenciação entre o trabalho reprodutivo (ou seja, trabalho doméstico e de cuidado) e o trabalho produtivo (trabalho que gera produtos e excedentes). A transição do sistema feudal para o capitalismo e o advento de uma ideologia focada no acúmulo de riquezas levou a uma valorização do trabalho produtivo, enquanto o trabalho reprodutivo, comumente realizado por mulheres, tornou-se culturalmente obsoleto por não gerar produtos, sendo importante apenas como uma forma de conceber novos trabalhadores (Federici, 2017). Dessa forma, observamos como a sexualidade e a função reprodutiva das mulheres continuou sendo utilizada para fins econômicos e determinando sua posição social, solidificando ainda mais a ideia de que o destino das mulheres era ser mãe e cuidar dos filhos.

Na maioria das vezes, o trabalho, a sexualidade e as relações sociais das mulheres nessa época estavam sob o comando do senhor feudal, o que acabava por anular a subjetividade e os desejos destas, reduzindo seus corpos a máquinas de produção de trabalhadores (Beauvoir, 1949/2016). Tal realidade dava às mulheres um status social objetificado, que acreditamos ter contribuído para os valores difundidos sobre a feminilidade ideal moderna como submissa e recatada, e podem ter influenciado o entendimento da teoria

psicanalítica freudiana sobre o funcionamento psíquico da mulher, em que ela faria o papel de objeto e teria um cerne passivo devido ao seu condicionamento ao feminino.

Outro acontecimento fundamental para a história das mulheres durante a Idade Média foi a infame caça às bruxas, estimulada pelo embate entre a Igreja e os movimentos heréticos. A partir do século XI, a Igreja se tornou uma instituição com grande poder econômico e político, principalmente após o movimento das lutas anti feudais. Em contraponto à Igreja, emergiram os movimentos heréticos, buscando uma nova sociedade que questionasse as hierarquias, a acumulação de riquezas e que fosse mais democrática e igualitária (Federici, 2017). Tais ideais acabavam sendo vantajosos para as mulheres hereges, que em sua maioria gozavam dos mesmos direitos que os homens, de uma maior liberdade em relação a sua vida social e, principalmente, desfrutavam de um controle e conhecimento maiores sobre sua sexualidade e função reprodutiva. Essa apropriação sexual das mulheres acabou sendo usada pela Igreja como pivô para a aniquilação dos hereges.

Junto aos conflitos com os hereges, a carência demográfica, resultante da disseminação da Peste Negra entre os séculos XIV e XV, levou a Igreja a considerar práticas de controle de natalidade e da sexualidade como atos de malefícia e heresia, o que culminou no que chamamos de caça às bruxas (Federici, 2017). Como grande parte dessas habilidades eram usadas por e para mulheres, a Igreja passou a distorcer e exacerbar esses costumes da maneira mais vil possível, com o objetivo de estimular a exterminação de tais práticas. Assim, as mulheres se tornaram a representação do mal, do pecado, dos hereges e de qualquer outro aspecto que a sociedade julgasse negativo. Porém, essa violência direcionada às mulheres já estava sendo estabelecida por práticas do Estado há algum tempo:

A legalização do estupro criou um clima intensamente misógino que degradou todas as mulheres, qualquer que fosse sua classe. Também insensibilizou a

população frente à violência contra as mulheres, preparando o terreno para a caça às bruxas que começaria nesse mesmo período (Federici, 2017, p. 104).

A partir dessa época, a visão cultural que se tinha sobre a mulher era dividida em duas instâncias, reforçadas pela narrativa cristã. Ela simbolizava a figura da Mãe, virgem, pura e que possuía devoção com sua família; ou seria a Puta, a bruxa, que exercia sua sexualidade sem pudor e manipulava para destruir a passividade social (Oliveira & Nicolau, 2019). Essa divisão também pode ser avaliada de um ponto de vista psicanalítico. Por ter passado pelo Complexo de Édipo e negado o desejo sexual pela mãe amada, o homem neurótico procuraria afastar a imagem materna o máximo possível de fantasias sexuais, indo buscar essa satisfação no que ele considera o outro extremo do espectro, a prostituta, com isso aliviando seu desejo e sua culpa (Valdivia, 1997). Observamos novamente como a vida sexual das mulheres definiam seu *status* social, mas sem que elas pudessem explorar o próprio prazer ou seus corpos. Nesse período, a sexualidade da mulher tinha um papel específico e ela não deveria desviar dessa função, senão poderia ser morta.

Aqui é possível refletir sobre o aspecto do tabu da sexualidade feminina, tema permeado por Freud (1931/2010) em seus textos sobre a sexualidade e a feminilidade. Ele tende a compreender o repúdio das mulheres em relação à própria sexualidade como algo necessário e natural para o seu desenvolvimento psíquico. Porém, ao analisarmos as mulheres hereges vemos como o conhecimento e a exploração da sexualidade feminina nem sempre foram dados como algo negativo, infame e proibido, mas sim que as mulheres foram desapropriadas do próprio corpo e do próprio prazer por uma cultura que promoveu abertamente o ódio e a violência contra as mulheres.

Dessa maneira, tal violência exercida contra as mulheres durante esse período não só influenciou a maneira como a feminilidade iria ser definida nos séculos seguintes, como

também marcou de maneira traumática a relação da mulher com sua sexualidade e subjetividade, o que retorna patologicamente a partir do final do século XVIII e resulta no advento da Psicanálise.

Revoluções e a mulher da modernidade

A Idade Moderna foi marcada por uma intensa transformação política, econômica e social, ocorrendo também uma evidente modificação no modo de relação entre os sexos. Durante os séculos XVII e XVIII, o Iluminismo surge como corrente filosófica e científica, o que marca uma mudança no modo de pensamento europeu, em que explicações sobre a natureza e o homem passam a ser vistas através das lentes da ciência e da razão (Neri, 2005).

O ser humano era agora visto pela sua “natureza biológica”, o que implicou em uma maior ênfase nos debates sobre as diferenças entre homens e mulheres. As mulheres, assim, tinham como “natural” a maternidade, o cuidado com as tarefas domésticas, fraqueza física e a incapacidade de tomar decisões em âmbito público (Kehl, 2016). O pensamento psicanalítico freudiano acaba por ser influenciado em parte por tais correntes de pensamento e por disciplinas como a Medicina e a Biologia, exemplificado pela escolha em utilizar palavras como pênis, vagina e clitóris ao longo de sua obra, além de fazer associações sobre o funcionamento psíquico a partir de questões biológicas (Freud, 1931/2010).

Outro acontecimento histórico que marcou a modernidade foi a Revolução Francesa, que destronou o regime monárquico e implementou a democracia, inaugurando a queda do Pai simbólico, a crise do masculino e a emergência do feminino na cultura, na ciência e na filosofia, o que trouxe grandes consequências para o pensamento do século XIX (Neri, 2005). Com a Revolução Francesa, as divisões entre as esferas pública e privada também passaram a ser melhor demarcadas, sendo a primeira um domínio dos homens e a segunda das mulheres.

Os ideais da época fomentaram mecanismos de diferenciação intensa entre os gêneros, criando um conjunto de regras (morais, legais, religiosas) que homens e mulheres deveriam seguir para reafirmar sua masculinidade e feminilidade, respectivamente. Tais discursos estabelecidos durante o início da modernidade impactaram a forma como as mulheres se relacionavam com o trabalho, a família, os seus corpos e sua sexualidade (Oliveira & Nicolau, 2020).

A concepção de feminilidade da época englobava elementos como a pureza, paciência, delicadeza e pudor, que se contrapunham ao que era estabelecido como tradicionalmente masculino: virilidade, poder, agressividade e independência (Davis & Farge, 1991). O casamento e a maternidade eram tidos como os únicos destinos naturais, possíveis e desejáveis para as mulheres, que eram vistas socialmente como frágeis e menos capazes (Arán, 2000). Várias dessas características refletem diretamente na concepção da teoria psicanalítica freudiana sobre a feminilidade e a mulher, o que nos leva a questionar o quanto Freud procurou denunciar ou perpetuar o pensamento de sua época.

O casamento passou a ser a instituição que permitia à mulher assumir o cargo imposto pela sociedade: de cuidadora da família, companheira de um homem e mãe. A necessidade desse papel ser exercido pela mulher era justificada pelo pensamento de que ela deveria fornecer ao homem um espaço seguro e aconchegante para que ele pudesse retirar sua “máscara pública” em seu lar e descansar. Isso envolvia a própria sexualidade da mulher que, nas palavras de Kehl (2016),

foram educadas para serem recatadas e resistentes ao sexo de modo a sustentar, com seu negaceio, a virilidade dos parceiros; frágeis e desprotegidas para mobilizar neles a força, a potência, o desejo de proteção; submissas e modestas para melhor governar a casa e a família. (p.53)

Tal concepção da feminilidade também teve reflexos na psicanálise de Freud (1931/2010), na qual ele aponta a posição principal da mulher como sendo a de objeto para o homem, que possuiria no pênis um símbolo de seu status de poder. Para ele, as mulheres demonstram uma “inveja do pênis”, o que, em um caminho considerado o da verdadeira feminilidade, culminaria na maternidade.

A sexualidade feminina, apesar de controlada pela moral pudica da época, também era considerada pelas autoridades médicas e religiosas como extremamente voraz, em que as mulheres eram tomadas por um intenso e insaciável desejo sexual que precisava ser controlado por meio do recato e do pudor para não perturbar a ordem familiar, moral e social (Grieco em Davis & Farge, 1991).

É interessante notar que o trabalho e a educação para as mulheres na época não visavam outra coisa senão prepará-las para o casamento e para assumirem os papéis de mãe e esposa, ajustando-se aos valores religiosos e morais da sociedade europeia (Kehl, 2016). Não havia, nessas instituições, nenhuma intenção de promover a independência das mulheres nem de oferecer opções além da vida familiar, como a inserção no mundo acadêmico ou o avanço na carreira. O caráter emancipatório do trabalho e da educação era exclusivo dos homens.

O mundo literário, no entanto, serviu como uma oportunidade para algumas mulheres, como Jane Austen, Louisa May Alcott e as irmãs Brontë. Elas escreviam história sobre e para mulheres, o que contribuiu para que as experiências subjetivas e privadas do feminino fossem divulgadas ao público, permitindo, também, que as mulheres explorassem suas fantasias, desejos e sonhos durante a leitura, vendo-se representadas naquelas histórias. Mesmo assim, os retratos exibidos na literatura ainda mantinham uma idealização e romantização do casamento e da maternidade, o que levou diversas mulheres a desejarem alcançar essa feminilidade construída pela cultura (Kehl, 2016). Tal ideal de feminilidade difundido no século XIX, como aponta Beauvoir (1949/2016), tem como característica submeter-se à uma

posição que condiz com o desejo do Outro, agindo de maneira submissa e reduzindo sua subjetividade em favor desse Outro. Essa posição é praticamente impossível de ser mantida durante toda a vida sem consequências psíquicas, o que foi observado com as histéricas.

A histeria foi a saída sintomática de muitas mulheres durante o século XIX, que apresentavam, dentre outros sintomas, paralisia corporal, náuseas e dores, sem que estes tivessem uma causa fisiológica propriamente dita. Estes sintomas surgiram, na maioria de seus casos, em resposta à moral da época e à alta repressão da sexualidade e do desejo de muitas dessas mulheres (Oliveira & Nicolau, 2020). É a partir das histéricas que Freud passa a questionar-se sobre o que está por trás de tais sintomas e, junto a Breuer, passa a escutar seu sofrimento e experiências. Tais práticas levam Freud ao contato com o inconsciente e, eventualmente, à elaboração do método e da teoria psicanalítica (Valdivia, 1997). Poderíamos dizer que o feminino é, portanto, um elemento inaugural para a Psicanálise. Apesar disso, o feminino e a feminilidade foram temas que permaneceram enigmáticos em muitos aspectos para o seu criador.

Freud aparenta ter sido influenciado por outras correntes vigentes da época, como o Romantismo e a Modernidade Vienense, que procuravam explorar aspectos do feminino e do sensível que eram negligenciados pelo positivismo científico (Neri, 2005). Mesmo assim, observamos que Freud, apesar de suas contribuições, trouxe em sua teoria concepções sobre as mulheres que não só refletiam a feminilidade da época, como também todo um contexto histórico patriarcal e misógino, como vimos anteriormente.

Conclusão

Escolhemos analisar neste artigo recortes de três momentos na história, com o objetivo de explorarmos mais a fundo as raízes que influenciaram o discurso psicanalítico freudiano sobre as mulheres e o feminino: o surgimento da civilização ocidental-cristã e da organização social, a caça às bruxas e o advento do capitalismo, a Europa do século XIX e

sua influência sobre o pensamento freudiano. A psicanálise de Freud faz uma associação entre o feminino e a passividade, entendendo-o a partir de uma falta, um negativo em relação ao masculino e não a partir de si próprio (Oliveira & Nicolau, 2020). Ao observarmos o contexto histórico, compreendemos que essas associações não partem somente do pensamento do século XIX, mas desde a fundação da nossa cultura patriarcal. Essa noção pode ser exemplificada com a seguinte fala de Arán (2000):

O feminino pode ser considerado o outro historicamente negado e recalcado, não apenas a partir do que se convencionou chamar de dominação masculina, mas também por uma forma de sociabilidade que se constitui a partir do domínio da natureza, seja do mundo real ou da natureza “dentro de si”. Em nossos termos, pode-se dizer que a civilização ocidental se constituiu a partir da exclusão da singularidade e da exclusão das mulheres.(p.193)

A teoria freudiana contribuiu para que a sexualidade fosse vista para além da função sexual e a clínica psicanalítica permitiu que diversas mulheres fossem escutadas. Porém, ao mesmo tempo que Freud denuncia a forma como a sociedade lidava com o feminino, sua teoria é criticada por ser essencialista e pautada em questões anatômicas e falocêntricas (Lago, 2010). Como um desenvolvimento sobre o tema, Lacan possibilitou um novo olhar à teoria freudiana, apontando o feminino como posição de discurso e modalidade de gozo, mas ainda tendo como referência a função fálica e entendendo o feminino como da ordem do negativo (Valdivia, 1997).

É preciso reconhecer o fato de que Freud viveu em outra época, o que contribui para várias afirmações e especulações que este faz sobre as mulheres e o feminino. Porém, hoje, após tantos anos e diversificações da Psicanálise, não é possível discutirmos esse tema sem levar em consideração aspectos históricos e culturais tanto do passado, que influenciaram a

maneira como tais discursos foram formados, quanto do presente, que demonstram uma multiplicidade de caminhos possíveis para as mulheres. Petrificar a subjetividade das mulheres a um ideal de feminilidade criado há mais de um século é cair no discurso epistemológico androcêntrico e excludente. Assim, torna-se necessário abrir espaço para que novas correntes e possibilidades teóricas sejam exploradas e validadas. Discursos que não só ampliem os olhares sobre o feminino na Psicanálise, como também sobre a própria categoria “mulheres”, levando em consideração outros aspectos que as atravessam, como sua raça, religião e classe social.

Revisando nossa história, podemos questionar se é possível alcançarmos outros campos simbólicos ou teorias que expliquem o feminino, levando em consideração o caráter misógino e patriarcal da nossa cultura. Por um outro lado, cada vez mais discutimos sobre concepções e papéis de gênero, abrindo debates que vão além de uma concepção binária, homem e mulher; masculino e feminino. Com o passar dos anos, novas subjetividades e modalidades de sofrimentos que se referem às mulheres emergiram, especialmente após a segunda onda do feminismo nos anos 60 e, atualmente, vemos teóricas que procuram compreender as minuciosidades desta parte da teoria psicanalítica e que estão em busca de teorias não falocêntricas, explicando o feminino a partir de sua própria referência (Moraes & Coelho Junior, 2010).

É preciso, portanto, questionarmos até onde é possível falarmos do feminino a partir de uma perspectiva psicanalítica clássica e para onde podemos ir a partir de agora, realizando diálogos com outras disciplinas como os Estudos de Gênero e a Epistemologia Feminista. É fundamental lembrar que a Psicanálise vai além de teoria e método, sendo hoje instrumento político, de produção de conhecimento e de influência cultural. Assim, finalizamos com o trecho de Martins (2019), que expressa de maneira concisa a necessidade de continuarmos a repensar e ressignificar tais temas:

Pensar a psicanálise na contemporaneidade é pensar a agenda de pesquisa em psicanálise, levando em consideração a possibilidade de transformação de conceitos e a necessidade de dispor de novos instrumentos face às formas atuais de subjetivação e de produção do mal-estar. (p.2)

Referências

- Arán, M. (2000). Feminilidade, entre Psicanálise e Cultura: Esboços de um Conceito. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 10(1), 169-195.
<https://doi.org/10.1590/S0103-73312000000100008>
- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo: fatos e mitos* (3ª ed.). Nova Fronteira. (Original publicado em 1949)
- Davis, N. Z., & Farge, A. (1991). Introdução. Em N. Z. Davis & A. Farge (Org.), *História das mulheres no ocidente: do Renascimento à Idade Moderna* (Vol. 3, pp. 9-17). Edições Afrontamento.
- Engels, F. (1984). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (9ª ed.). Civilização Brasileira. (Original publicado em 1884)
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.
- Freud, S. (2015). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. Em S. Freud, *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* (1ª ed., pp. 359-389). Companhia das Letras. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2010). A Feminilidade em Novas conferências introdutórias à Psicanálise. Em S. Freud, *Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)* (1ª ed., pp. 263-293). Companhia das Letras. (Original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010). Sobre a sexualidade feminina. Em S. Freud, *Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)* (1ª ed., pp. 371-398). Companhia das Letras. (Original publicado em 1931)
- Grieco, S. F. M. (1991). O corpo, aparência e sexualidade. Em N. Z. Davis, & A. Farge (Org.), *História das mulheres no ocidente: do Renascimento à Idade Moderna* (Vol. 3,

pp.71-119). Edições Afrontamento.

Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do Feminino* (2ª ed.). Boitempo.

Lago, M. C. S. (2010). Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. *Estudos Feministas*, 18(1), 189-204. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000100012>

Lerner, G. (2019). *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Cultrix.

Longino, H. E. (2008). Epistemologia feminista. In J. Greco, & E. Sosa (Orgs.), *Compêndio de epistemologia* (pp. 505-546). Edições Loyola.

Martins, L. P. L. (2019). A Problemática do trauma ou o trauma como um problema em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35413.

<https://doi.org/10.1590/0102.3772e35413>

Moraes, G. C. S., & Coelho Junior, N. E. (out/dez 2010). Feminino e psicanálise: um estudo sobre a literatura psicanalítica. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 791-800.

<https://www.scielo.br/j/pe/a/99B6Q46gMn7PcrrKVStkLlL/?format=pdf&lang=pt>

Moterani, G. M. B., & Carvalho, F. M. (2016). Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. *Avesso do avesso*, 14(14), 167-178.

http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v14_artigo11_misoginia.pdf

Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Civilização Brasileira.

Oliveira, P.A., & Nicolau, R. F. (2020). Feminino em questão: diálogos contemporâneos entre psicanálise e feminismo. *Revista Subjetividades*, 20(2), 1-12.

<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp2.e8974>

Robles, M. (2019). *Mulheres, mitos e deusas: O feminino através dos tempos* (3ª ed.). Aleph.

Valdivia, O. B. (1997). Psicanálise e Feminilidade: Algumas Considerações. *Psicologia Ciência e Profissão*, 17(3), 20-27. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000300004>

“O discurso da verdade universal é um discurso de valor daqueles que querem prover no espaço transcendental um santuário para os valores estabelecidos imunes à crítica, para manter uma certa ordem.”

Regina Neri

ESTUDO 2

O feminino e a mulher na Psicanálise brasileira: uma revisão da literatura indexada

The feminine and the woman in brazilian Psychoanalysis: a review of indexed literature

Lo femenino y la mujer en la Psicoanálisis brasileña: una revisión de la literatura indexada

Resumo

O presente estudo relata os resultados de uma revisão exploratória sobre a literatura científica brasileira no que diz respeito à psicanálise, à mulher e ao feminino. Foram analisados 55 artigos, publicados entre 2018 e 2022. A análise foi realizada por eixos temáticos: questões de gênero, a lógica do todo e não todo fálico, o feminino e a maternidade e a invisibilização da mulher negra. Os resultados demonstraram que há uma predominância do pensamento freudolaciano em relação do tema, porém também foi observado um crescimento de estudos que buscam articulações com disciplinas como os Estudos de Gênero e que promovem discussões sobre a relação entre o feminino e o contexto sociocultural, essencial para a contemporaneidade.

Palavras-chave: psicanálise; feminino; revisão exploratória; gênero; mulher

Abstract

The present study reports the results of an exploratory review of indexed Brazilian scientific literature regarding psychoanalysis, women and femininity. Fifty-five articles published between 2018 and 2022 were analyzed. The analysis was carried out by thematic axes: gender issues, the phallic and non phallic logic, the relation between femininity and motherhood and the invisibility of black women. The results showed that there is a predominance of Freudian and Lacanian thinking on the subject, but there is also a growth in studies that seek articulations with disciplines such as Gender Studies and that promote discussions about the relationship between the feminine and the sociocultural context, essential for the contemporaneity.

Keywords: psychoanalysis; femininity; exploratory review; gender; women

Resumen

El presente estudio relata los resultados de una revisión exploratoria de la literatura científica brasileña indexada acerca de la psicoanálisis, la mujer y lo femenino. Se analizaron 55 artículos publicados entre 2018 y 2022. El análisis se realizó por subcategorías temáticas: cuestiones de género, la lógica fálica, la relación entre el femenino y la maternidad y la invisibilidad de la mujer negra. Los resultados mostraron que hay un predominio del pensamiento freudiano acerca del tema, pero también hay un crecimiento de estudios que buscan articulaciones con disciplinas como los Estudios de Género y que promueven discusiones acerca de la relación entre lo femenino y el contexto sociocultural, esencial para el tiempo contemporáneo.

Palabras-clave: psicoanálisis; femenino; revisión exploratoria; género; mujer

Introdução

O objetivo deste estudo foi revisar a literatura brasileira sobre o feminino, a mulher e a psicanálise nos últimos cinco anos, visando analisar o impacto que o contexto político e cultural têm no fazer científico e quais os possíveis futuros caminhos das pesquisas sobre o tema. Desde sua fundação, a Psicanálise tem como uma de suas questões centrais o feminino, sendo alvo de diversos debates e críticas que se estendem dos dias de Freud até os atuais (Gianesi & Mountian, 2019). Tais discussões ocorrem tanto no âmbito popular, quanto no meio científico, processo esse que gerou múltiplos frutos teóricos em relação ao tema. Se, por um lado, temos estudos que ainda utilizam a teoria freudiana para abordar o feminino e a mulher, outros procuram, para tanto, contemporâneos como Winnicott e Lacan (Brasil & Costa, 2018). Porém, observamos também pesquisadoras que criticam a visão psicanalítica falocêntrica clássica e defendem teorias que exploram novos campos para além da significância fálica (Cossi, 2019).

A transformação social dos padrões de gênero e da feminilidade estimulou a produção de estudos que não apenas criticam partes da visão psicanalítica, como também dialogam com outras áreas do conhecimento, como os Estudos de Gênero, o Feminismo, a Filosofia e a Sociologia (Bonassi & De Lima, 2021). Assim como a Psicanálise, o Feminismo e os Estudos de Gênero também são subversivos, trazendo tópicos que antes estavam em âmbito privado para o espaço público, como a sexualidade e as relações familiares (Martin & Vieira, 2021) e, mesmo com discussões e críticas entre as duas áreas, sua articulação torna-se cada vez mais presente e necessária.

Entendendo que a Psicanálise tem caráter sociopolítico e que tem como proposta atualizar-se constantemente, abrindo caminhos para analisar e discutir as novas modalidades de subjetividade e mal-estar (Jose & Santos, 2021), é preciso considerar que as diversas mudanças históricas que ocorreram desde sua fundação podem contribuir para o

desenvolvimento da teoria e para os discursos atuais sobre a mulher e o feminino veiculados no meio científico, ou seja, na literatura indexada. Além disso, julgamos necessário focar especificamente os contextos histórico, político e social brasileiros, visto que, ainda hoje, discute-se o feminino e a mulher majoritariamente a partir de teorias elaboradas em um cenário europeu, branco e patriarcal, que exclui boa parte da realidade vivida por diversas mulheres em nosso país (Martins, 2020). Isso se torna relevante ao levarmos em conta que tais contextos têm influência direta na constituição das subjetividades, nas modalidades de sofrimento vividas pelas mulheres e no viés científico que norteia as pesquisas realizadas (Longino, 2008).

Em termos históricos, os discursos e comportamentos em relação às mulheres e à feminilidade sofreram mudanças significativas a partir de 2014 e 2015, graças aos fenômenos do *#MeToo*, nos Estados Unidos e *#MeuPrimeiroAssédio*, no Brasil (Silva, 2017). Esses movimentos denunciavam a violência, o machismo e o assédio sofrido por mulheres, ganhando força principalmente por meio de redes sociais como o *Twitter*. Mas as lutas não limitaram-se apenas ao mundo digital, havendo um crescimento da participação e interesse da população em eventos como a Marcha Mundial das Mulheres. Não à toa, o ano de 2015 foi intitulado como o ano da “Primavera Feminista”, graças à emergência massiva desses movimentos (Natansohn & Reis, 2017).

O cenário político brasileiro também influenciou as pautas e o engajamento nos movimentos feministas e de gênero no Brasil. A reemergência de ideologias neoliberalistas e conservadoras na política nos últimos anos influenciou o viés cultural, estimulando discursos de ódio e preconceito (Bonfim & Schechter, 2021) que têm como consequência o crescimento de debates e lutas ligados a temas como aborto, racismo, assédio e homofobia. Como reação a tais ameaças, observamos alguns dos maiores protestos em favor dos direitos das mulheres, pessoas negras e pessoas LGBTQIA+ da história. Em 2015, a Marcha das

Mulheres Negras, realizada em Brasília, contou com 50 mil mulheres e em 2019 ocorreu a primeira Marcha das Mulheres Indígenas, com a participação de aproximadamente 2500 representantes de 130 povos (Moncau, 2022). Em 2022, o lema das manifestações de 8 de Maio foi “Pela vida das mulheres, Bolsonaro nunca mais - por um Brasil sem machismo, sem racismo e sem fome”, e apontou para pautas como as dificuldades enfrentadas pelas mulheres durante e após a pandemia do COVID-19, além do aumento da taxa de feminicídio no país (Tokarnia et al., 2019). Dessa maneira, considerando a perspectiva de Longuino (2008), acreditamos que a emergência de novas discussões feministas na política e nas mídias digitais pode ter norteadado as publicações científicas brasileiras nos últimos anos.

No que concerne à literatura científica sobre o feminino na Psicanálise, Moraes e Coelho Junior (2010) realizaram um estudo de revisão sistemática que envolvia publicações em dois períodos de tempo, a saber, 1965 a 1975 e 1995 a 2004. Em seus resultados, constataram que as publicações realizadas durante o primeiro período (1965-1975), auge da segunda onda do feminismo, tinham como objetivo principal estabelecer a mulher como diferente de um negativo do homem, o que “[...]mantém o homem como referência e o discurso fálico como central.”(p.792). Já no segundo momento (1995-2004), a literatura passou a ressaltar a positividade do feminino, buscando um referencial próprio, ou seja, focando em teorias não-falocêntricas.

Outro estudo de revisão da literatura foi realizado por Verceze e Cordeiro (2019), buscando compreender o que a Psicanálise do século XXI tem dito sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, evidenciando estudos realizados entre 2000 e 2018. Seus resultados indicaram predominância de artigos que exploram a feminilidade a partir do período pré-edípico, da relação mãe-filha, da lógica toda e não toda fálica e do amor e da maternidade, sendo que a maioria dos artigos utiliza como base teórica a psicanálise de Freud e Lacan.

Tendo em vista os resultados apresentados por tais estudos, que indicam uma mudança de perspectiva em relação ao feminino em Psicanálise ao longo dos anos e que tais pesquisas são norteadas pelo contexto sociocultural, interrogamos quais os escopos das atuais pesquisas brasileiras sobre o tema, considerando não apenas o contexto histórico apresentado anteriormente, como também a expansão atual de discussões que abarcam a diversidade de gênero, as relações familiares, o não-binarismo e as questões raciais.

Método

Realizamos uma revisão exploratória da literatura indexada, método que permite um levantamento e exposição do cenário científico, contribuindo para complementar e integrar possíveis dúvidas e omissões sobre o tema, além de oferecer embasamento para outras pesquisas relacionadas (Vercenze & Cordeiro, 2019). A escolha pela literatura indexada visa o diálogo com os atuais critérios mundiais de avaliação da importância da produção científica, que consideram que publicações em periódicos indexados bem qualificados têm maior peso não só em termos de currículo de pesquisadores, mas também quando se almeja publicar nos próprios periódicos qualificados. Neste sentido, os critérios dos periódicos mais relevantes priorizam a publicação de artigos que citem outros artigos de alto impacto.

Para esta revisão, foram realizadas pesquisas em duas bases brasileiras de dados, Periódicos CAPES e PEPSIC, durante o período de junho e julho de 2022. A pesquisa e seleção dos artigos foi realizada por três pesquisadoras objetivando diminuir vieses, tendo todas seguido um mesmo protocolo de pesquisa. A pesquisa foi dividida em três etapas: seleção do material, compilação dos dados obtidos e análise do conteúdo.

Na etapa de seleção de artigos nas bases de dados, a pesquisa foi feita a partir de quatro combinações de descritores utilizando o conectivo de adição "e/and", em qualquer campo do texto. Foram estas: “psicanálise e feminino”, “psicanálise e mulher”, “psicanálise e feminilidade”, “psicanálise e feminismo”.

Definiram-se como critérios de inclusão: que os artigos fossem originais em português, visto que este estudo refere-se à pesquisa brasileira; que estivessem disponíveis na íntegra e gratuitamente e; que tivessem sido revisados por pares, como forma de garantir sua qualidade. Além disso, outro critério de inclusão foi que os artigos deveriam ter sido publicados entre 2018 e 2022, considerando o contexto histórico previamente abordado neste estudo. Na base CAPES, foram selecionados os filtros “Português” e “Revisão por Pares” e a ordenação dos artigos foi feita por título. Já na PEPSIC, tal processo foi feito de maneira manual. Artigos de revistas que não explicitavam a realização da avaliação por pares e artigos traduzidos foram excluídos. Estudos que estavam dentro de todos os critérios de inclusão, porém não possuíam ligação com o tema explorado por este estudo, como artigos de áreas como Educação Física, Teologia, Direito e outros, também foram excluídos.

Resultados

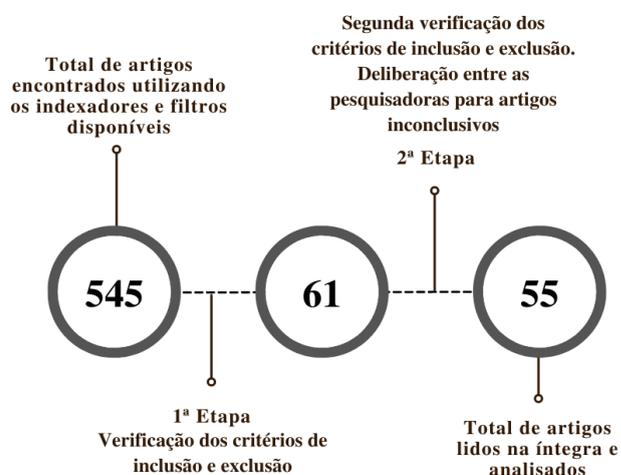
Considerando todos os critérios expostos no protocolo de pesquisa, foram identificados, no total, 545 artigos na primeira etapa. Nesse momento, realizamos a leitura dos resumos e avaliação dos critérios de inclusão e exclusão.

Em seguida, comparamos os artigos considerados aptos e inaptos para prosseguir para segunda etapa, sendo que os artigos que tiveram resultados inconclusivos em relação à sua relevância para o tema estudado foram discutidos por todas as pesquisadoras para que a decisão de inclusão ou exclusão fosse tomada. Após tais reuniões e discussões, 61 artigos foram selecionados para a segunda etapa.

Durante a etapa de compilação dos dados, fizemos a leitura integral dos artigos. Ao longo dessa fase, notamos que alguns artigos eram traduções ou resumos, o que levou à exclusão destes. Assim, após esse procedimento, o total de artigos analisados foi 55. A partir disso, registramos as informações bibliométricas e dados relevantes para as perguntas de análise.

Figura 1

Quantidade de artigos selecionados por etapa



As perguntas de análise foram estabelecidas em dois momentos, um anterior à seleção dos artigos e outro durante a leitura dos mesmos na segunda etapa. As perguntas base para a análise dos artigos foram estipuladas *a priori*, partindo das hipóteses iniciais de pesquisa e da pergunta norteadora “O que os estudos psicanalíticos brasileiros atuais dizem sobre o feminino e a mulher?”. Considerando o contexto epistemológico atual que evidencia a articulação entre disciplinas e que estimula cada vez mais uma visão científica que abarque questões históricas e sociais (Martins, 2020), hipotetizamos que a maioria dos artigos trataria não só do feminino, mas também de questões de gênero, trazendo um diálogo com outras áreas do conhecimento. Hipotetizamos também que os estudos não trariam um recorte racial sobre o tema, pois a relação entre negritude e Psicanálise ainda é pouco explorada quando comparada aos estudos de teóricos brancos e europeus (Rosa et al., 2019). Ademais, observando o feminino e a mulher como temas relevantes nos últimos anos, acreditamos que grande parte dos artigos encontrados seriam escritos por mulheres e, baseando-se nos resultados encontrados por Moraes e Coelho Junior (2010) e Verceze e Cordeiro (2019), supomos que as pesquisas teriam como principal base psicanalítica a teoria freudolacanianiana. Já as questões de análise estabelecidas durante e após a leitura dos artigos levaram em

consideração os estudos metodológicos com participantes, a predominância do tema da maternidade e a relevância dada ao feminino pelo artigo como um todo.

À vista de tais questões, a etapa de análise constituiu-se para respondê-las, utilizando uma leitura crítica pautada na psicologia feminista e na psicanálise. A partir disso, foram definidos quatro eixos principais de discussão: 1) diálogo com as questões de gênero; 2) a lógica do todo e não todo fálico; 3) o feminino e a maternidade e, por fim, 4) a invisibilização da mulher negra. Apresentamos, a seguir, os resultados das análises e seus desdobramentos.

Eixo 1 - Diálogos com o Gênero

Para a Psicanálise, a noção de feminino ultrapassa a ligação do termo com o ser mulher, dizendo, na verdade, de uma posição assumida pelo sujeito frente à dinâmica fálica, seja ele homem ou mulher (Demes et al., 2011). Porém, não é possível separar esse sujeito do seu corpo, ou seja, esse sujeito é gendrado e é atravessado por significantes sociais e culturais que interferem em sua concepção (Bonassi & De Lima, 2021). Além disso, como apontado por Longino (2008), o fazer científico e epistemológico também é influenciado pelas pautas sociais e políticas, que durante séculos foram estipuladas por homens. Assim, ao falar sobre o feminino e a mulher, fala-se também de questões de gênero. Questionamos, dessa forma, quantos estudos atuais são produzidos por mulheres sobre o tema e, além disso, quais diálogos estariam sendo feitos entre a Psicanálise e outras disciplinas que considerassem tais fatores.

Dos 55 artigos analisados, 33 foram produzidos somente por mulheres e 46 têm mulheres como primeira autora e principal pesquisadora, sugerindo um maior interesse destas em relação ao estudo do feminino e das mulheres em Psicanálise, atualmente. A Sociologia e a Filosofia são as principais disciplinas utilizadas em conjunto com as teorias psicanalíticas. Em especial, o uso da teoria de Judith Butler teve destaque, sendo abordada em 12 dos estudos.

Butler, em sua obra, critica a visão heteronormativa e binária trazida pela Psicanálise e a lógica fálica que a permeia, alinhando-se às produções *queer* e feministas atuais (Bonassi & De Lima, 2021). Para a autora, as noções de gênero estão associadas a aspectos sociais, culturais, econômicos e raciais sendo, portanto, “[...]uma construção dentro dos sistemas sociais em que se encontram, assim, o corpo é visto como político” (Gianesi & Mountian, 2019, p.4). Essa definição assemelha-se à proposta por Joan Scott, que entende as relações de gênero como categorias sociais fundadas a partir das diferenças entre os sexos e que atuam como dispositivos de poder (Giordani et al., 2018). Entre os artigos analisados, três utilizam a definição de Butler para gênero e dois, a de Scott. Já em relação aos conceitos utilizados para feminino ou feminilidade, 30 artigos são explícitos em suas definições, utilizando principalmente aquelas de Lacan, em 24 deles, e as de Freud, em 19, indicando um predomínio do pensamento desses autores em relação ao tema. Apesar da predominância de estudos que realizam uma interseção com as questões de gênero, a diferença sexual e o binarismo, a maioria dos artigos (40 artigos) foca somente nos aspectos do feminino e da feminilidade. Dessa forma, 40 artigos abordam somente o feminino, cinco apenas gênero e cinco tratam de ambos, justificando a predominância do uso das definições lacaniana e freudiana.

O predomínio do binarismo e da heteronormatividade da teoria freudiana pode ser apontado como uma das principais críticas feitas nos estudos que abordam questões de gênero (Holanda & Checchia, 2021). Bonassi e De Lima (2021) apontam que, enquanto Freud estipulava comportamentos do menino e da menina na infância que os levariam a uma cisheterossexualidade, as teorias *queer* oferecem uma perspectiva diferente, indicando como as dinâmicas de poder inclusas nas relações sociais e na própria linguagem trariam um caráter compulsório ao binarismo e à heterossexualidade. Assim, parece haver uma aposta de que é possível uma reestruturação de conceitos a respeito do gênero e da diferença sexual na

Psicanálise, visto que “[...] na contemporaneidade surgem novos corpos, novas práticas sexuais, identidades de gênero, arranjos familiares, tecnologias, leis, que interrogam o modelo binário e hierárquico de diferença sexual que há mais de duzentos anos predomina em nosso imaginário social” (Pombo, 2019, p.1).

A insistência freudiana em atribuir ao feminino e às mulheres aspectos conservadores e patriarcais, como a submissão e a passividade, também é alvo de críticas. Jose e Santos (2021), em seu estudo sobre violência contra as mulheres, repreendem certos pontos da clínica e da teoria psicanalítica que acabam por culpabilizar ou sintomatizar os sofrimentos de mulheres, generalizando-as e não levando em consideração nem aspectos socioculturais nem suas individualidades. Tais olhares psicanalíticos tornam-se problemáticos a partir do momento em que são utilizados como formas de engessar as identidades e de manter o discurso misógino e patriarcal que inferioriza as mulheres (Gianesi & Mountian, 2019; Pombo, 2019).

Os estudos selecionados que abarcam as questões de gênero, possuem, em sua maioria, uma visão crítica acerca da Psicanálise, principalmente a freudiana, no entanto, alguns procuram realizar articulações entre as teorias, buscando contribuições de ambas as partes. Para Bonfim e Schechter (2021), tanto Lacan quanto Butler buscaram ultrapassar as noções de binarismo, dando uma abertura ao campo da sexualidade e utilizando a noção de identificação ao falar dessa questão. Martin e Vieira (2021) apresentam o mesmo argumento, acrescentando que a visão de Butler possui caráter político, enquanto Lacan parte do gozo não todo.

Observamos, assim, como questões a respeito do gênero estão atreladas a alguns estudos sobre o feminino na Psicanálise, associação que já se estende há décadas. Como pauta principal, vemos a tentativa de desassociar papéis de gênero previamente estabelecidos e o reforço de que o gênero é uma construção também sociocultural que influencia na

maneira como a teoria psicanalítica foi elaborada. No entanto, as discussões a respeito do binarismo e da perspectiva cisgênera mostram-se como pontos atuais, desafiando as noções sobre feminino e masculino e apresentando outras modalidades que a Psicanálise pode não ter contemplado ainda.

Eixo 2 - A Lógica do Todo e Não Todo Fálico

As teorias de Freud e Lacan baseiam-se predominantemente no que chamamos de primazia fálica, instituindo o falo como elemento central para a constituição do sujeito e como referência para nosso campo simbólico. No que diz respeito ao feminino dentro dessa concepção, Freud o coloca primeiramente como sendo um “negativo” em relação ao masculino. Ou seja, a mulher se mostra como castrada, como possuindo uma falta desse elemento que, em sua obra, está associado ao ter ou não ter o pênis (Cavalcante & Oliveira, 2018). Já Lacan amplia a noção freudiana e passa a dizer do masculino e feminino como posições discursivas que o sujeito pode assumir. Nesse caso, a posição masculina estaria toda dentro do campo fálico, enquanto a feminina estaria não toda submetida a ele, tendo uma parte que está para além dessa significância, em um campo indizível (Marcos & Silva, 2019).

Tanto Freud quanto Lacan ainda são amplamente utilizados por psicanalistas, tanto no contexto clínico quanto na produção teórica. No caso dos estudos analisados nesta revisão, foram encontrados 41 artigos que utilizam as teorias freudolacanianas como principal base, sendo que 12 utilizam somente Freud, nove, somente Lacan e 20 fazem uso de ambos. A maioria dos artigos corrobora ou não faz críticas explícitas ao falocentrismo, explorando o feminino a partir de tópicos como a histeria, o período pré-edípico e a relação da mulher com a significância fálica, utilizando principalmente de revisões teóricas e estudos de caso, corroborando com os resultados de Verceze e Cordeiro (2019).

Jose e Santos (2021) defendem, por exemplo, que o pensamento lacaniano sobre o feminino, que culmina no aforisma “A Mulher não existe”, contribui para o atendimento

clínico de mulheres vítimas de violência, pois indicaria a particularidade de suas experiências. Porém, as autoras também reforçam a necessidade de levar em conta o contexto social e patriarcal que produz e reforça tal violência. Outros estudos defendem o potencial que a Psicanálise possui para desconstruir discursos fixos e conservadores, principalmente ao integrar seu conhecimento com outras disciplinas, além de ter sido uma das principais contribuintes para discussões sobre os desdobramentos do feminino, tendo oferecido uma nova via de pensamento que ia além do referencial cartesiano predominante do século XIX (Bonfim & Schechter, 2021; Gianesi & Mountian, 2019; Vieira & Moreira, 2020).

Foram encontrados 12 artigos que apresentam críticas à perspectiva falocêntrica, principalmente relacionadas à teoria freudiana. Freud é censurado pelo caráter essencialista da sua teoria sobre a feminilidade, potencializando também características estereotipadas como a amabilidade, a carência, a submissão e a dependência (Holanda & Checchia, 2021). A falta de consideração das teorias falocêntricas pelo caráter histórico e cultural da diferença sexual foi outro ponto criticado (Martins, 2020).

Empregando uma abordagem feminista decolonial, Martins (2020) aponta para a contradição de Freud, que aferra-se ao modelo patriarcal apesar de notar suas falhas e faltas, argumentando também sobre a insistência de psicanalistas contemporâneos em usufruir de partes da teoria freudiana que não condizem com o contexto social atual. Sobre os comentários de Freud sobre as mulheres, a autora defende a importância do contexto histórico, criticando o autor:

Cativas na enodada teia de encargos domésticos e afetos familiares, as esposas burguesas reivindicavam ao menos dois elementos de uma relação marital que lhes havia exigido praticamente a renúncia de toda a liberdade no âmbito público: cuidados de homens nas responsabilidades afetivas de filhos e erotismo sexual vigoroso - e não o caráter obsessivo e desvitalizado de conduzir a vida sexual no casamento ao modo

próprio de muitos homens daquela época. Freud bem sabia de tudo isso. Por vezes, contudo, parecia ser conveniente às suas teorizações esquecer-se das camadas sociopolíticas e históricas de suas próprias descobertas em relação aos sintomas histéricos das mulheres. (Martins, 2020, p.53)

Se por um lado encontramos estudos que focam na crítica ao pensamento de Freud e Lacan, discutindo sobre o estatuto fálico, por outro, verificamos nove artigos que expõem e analisam teorias não-falocêntricas, destacando os pensamentos de Butler, Irigaray, Halberstadt-Freud, Deleuze, Guattari e da Psicanálise concreta (Bonfim & Schechter, 2021; Bonassi & De Lima, 2021; Brasil & Costa, 2018; Cossi, 2018, 2019; Martins 2020; Pombo, 2019; Schulte et al., 2019; Souza & Pereira, 2018). As teorias não falocêntricas foram motivadas pelo desejo de uma representação do feminino que não partisse de um referencial fálico ou binário, buscando novos campos simbólicos. Para autoras como Butler, a mulher que a Psicanálise apresenta só seria entendida como sujeito a partir de uma lógica masculina, tornando-a por vezes invisível e ilegítima quando tratada a partir de si própria (Bonfim & Schechter, 2021). Observamos assim, uma tentativa de desconstruir certos aspectos da teoria psicanalítica clássica, visando ultrapassar ou nomear esse campo irrepresentável e indizível que diz respeito do feminino, apesar de maioria dos estudos ainda se apoiarem nos pensamentos freudolacanianos ao analisarem o tema.

Eixo 3 - Feminino e Maternidade

Dentre os diversos subtópicos escolhidos pelas autoras dos artigos analisados, a maternidade destaca-se em 27 deles, sendo que em 11 é a base principal de análise. Sabe-se que a ligação entre a mulher, a maternidade e o feminino é complexa, pois ao mesmo tempo que diz de uma função biológica, também implica em outros aspectos socioculturais e de papéis de gênero (Souza, 2018). Tais artigos exploram diferentes facetas da maternidade, passando pelo impacto psicológico e corporal de ser mãe, além de sentimentos que permeiam

a maternidade como a culpa, o dever e o amor (Assis et al., 2020; Giordani et al. 2018; Silveira, Cruz & Mélo, 2021; Souza, 2018). Em estudos com teor mais psicanalítico, temas como devastação, a relação mãe-filha e a ligação entre bebê e falo são os mais apresentados no contexto da maternidade (Cavalcante & Oliveira, 2018; Marcos & Silva, 2019; Marcos, Guedes & Motta, 2021; Oliveira, 2019).

Durante os séculos XVIII, XIX e boa parte do XX, a maternidade passou a ter um caráter fundamental na vida das mulheres, tornando-se seu dever natural, primordial e seu desejo mais forte, ou pelo menos era isso que o ideal da feminilidade ilustrava (Souza, 2018). Dessa forma, não parece à toa que Freud tenha compreendido a maternidade como o destino mais normal para a psique das mulheres, tratando-a como parte essencial da feminilidade. Para ele, a menina desejaria em primeiro momento ter um bebê com o pai, resultado este que advém do Édipo. Com o desenvolvimento sexual “normal”, após a puberdade, a mulher passaria a desejar esse bebê como uma tentativa de obter o pênis/falo, desejado durante toda a sua vida (Cavalcante & Oliveira, 2018).

Lacan irá ampliar a noção freudiana materna, colocando-a, em primeiro lugar, como uma função capaz de ser exercida por qualquer pessoa, independente do sexo biológico (Marcos & Silva, 2019). Ademais, ele propõe a Mãe como a única maneira possível de representação para o feminino, já que esta estaria associada à lógica fálica, enquanto a Mulher estaria afastada de tal posição. Como colocado por Cavalcante e Oliveira (2018):

Em Lacan, a maternidade já não é mais o único caminho. Por estar dividida em seu gozo, a maternidade não garante completude à mulher, pois está relacionada apenas ao gozo fálico e não ao gozo outro. E não é apenas a maternidade que satisfaz o gozo fálico, ele pode estar em outras atividades e em novos lugares onde as mulheres conquistaram espaço. (p.519)

Freud também designa a importância da mãe para o desenvolvimento do bebê, indicando-a como o primeiro objeto amoroso deste. Porém, ao mesmo tempo que o autor traz uma grande contribuição para o entendimento do desenvolvimento infantil, ele adiciona uma carga ainda maior em relação ao papel materno (Schulte et al., 2019). Winnicott, por sua vez, procura focar no carinho e na continência emocional presentes na maternidade, reforçando também a influência do ambiente no desenvolvimento do bebê, o que não dependeria somente da mãe (Brasil & Costa, 2018). O autor continua, assim como Freud, a defender o sentimento de completude que a maternidade traria para a mulher, além de propor o conceito da “mãe suficientemente boa”. Esta seria aquela que, ao mesmo tempo que fornece proteção, cuidado e carinho para o bebê, se afasta nos momentos necessários, permitindo o desenvolvimento da independência da criança. Dessa forma, Winnicott deu abertura a novas visões sobre a maternidade, modernizando certos aspectos da teoria freudiana, ao mesmo tempo em que sua teoria acabou contribuindo para certas frustrações:

[...] definir a maternidade atrelada ao adjetivo “normal” e “suficientemente boa” não só limitou as possibilidades que o próprio autor desejou que fossem exploradas, mas confundiu - e aqui não podemos culpar apenas os psicanalistas, mas também as demais instituições produtoras de saberes patriarcais - mulheres que, embora desviantes das regras impostas, poderiam ser mães ou, ainda, cumprir infundáveis outros papéis continuando a ser, de diversas formas, mulheres. (Brasil & Costa, 2018, p. 444)

Outro ponto a ser observado na teoria winnicottiana é que, ao dizer que a mãe é a figura com o mesmo genital que a menina, servindo como forma desta basear sua feminilidade, o autor desconsidera outras configurações familiares que não a cisheterossexual. Observamos assim, que as teorias que mais embasam os estudos sobre

psicanálise e maternidade, hoje, ainda possuem lacunas que não permitem abarcar as novas modalidades do ser mãe e como tal função está aplicada junto a aspectos socioculturais.

Assim, como podemos pensar sobre a maternidade nos dias de hoje? Afinal, tornar-se mãe é apenas uma das várias possibilidades que as mulheres podem escolher seguir. As mudanças observadas nas últimas décadas, como maior oferta de emprego e controle reprodutivo, influenciam em seus desejos e na maneira como os conflitos relacionados a essas questões são vivenciados (Oliveira, 2019). Mais além, ao acrescentarmos o elemento do trabalho, a situação se complexifica, não apenas pela carga de trabalho dobrada, mas também pela desvalorização do maternar, que, devido ao mito do instinto materno, ainda é visto como um amor natural e simples de ser executado, idealização esta que pode gerar sentimentos como a culpa (Souza, 2018).

Verificamos, portanto, a necessidade de abrir espaços na prática e na teoria psicanalíticas para tais ressignificações relacionadas à maternidade, realizando uma escuta das vivências particulares e permitindo a desconstrução de narrativas fincadas em valores misóginos e impositivos (Souza, 2018). Como colocado por Schulte et al. (2019), outro ponto a ser considerado é o contexto brasileiro, que implica em um número alto de mães em situação de pobreza ou que são as únicas responsáveis pelos filhos, trazendo demandas específicas que misturam-se a sofrimentos de cunho social.

Como pensar, por exemplo, em uma mãe “suficientemente boa” em situações de vulnerabilidade social, onde por vezes não há comida, transporte e moradia? Portanto, para pensarmos no bem-estar dessas crianças e dessas mães, é preciso primeiro pensar no bem-estar das mulheres. O ser mãe não é dado, implicando em um sistema muito maior do que o suposto “instinto materno”. Para que a mãe ofereça as condições necessárias para o desenvolvimento do bebê, como proposto não só pela Psicanálise, mas também por diversas

outras abordagens, é fundamental que ela mesma possua tais condições, contando com redes de apoio emocional, físico e socioeconômico antes, durante e após esse processo.

Percebemos, assim, que a ligação entre feminino e a maternidade continua massivamente presente nos estudos psicanalíticos, variando entre estudá-la a partir de teorias já conhecidas ou trazer outras perspectivas que incluam os aspectos socioculturais. É necessário, na elaboração e aplicação da teoria, considerar o contexto do qual partem essas mães e as ressignificações pelas quais a maternidade passou nos últimos anos. Indagamos, também, a possibilidade de estudar-se a função e os efeitos da maternidade partindo de outro ponto que não o ser mãe. Por exemplo, se hoje, para algumas mulheres, o trabalho pode ocupar um lugar psíquico semelhante ao de um bebê, pode-se estudar a ideia da maternidade, em seus termos de função e consequências subjetivas, fora do contexto de ser mãe? Deixamos aqui tais questionamentos para pesquisas futuras.

Eixo 4 - A Invisibilização da Mulher Negra

O Brasil tem em suas raízes uma cultura racista e escravocrata, influenciando diretamente nos diferentes significados atribuídos a corpos negros e brancos. No que concerne à Psicanálise, é fundamental considerar esse contexto histórico e cultural que permeia a produção da teoria e as vivências dos analistas e analisandos. Como colocado por Pombo (2019), para pensarmos a Psicanálise na contemporaneidade, é preciso ponderar sobre as possíveis transformações de conceitos e agendas de pesquisas que acatem as formas atuais de subjetivação e produção de mal-estar.

Levando em conta que a maioria da população brasileira é negra, parece lógico que as produções científicas tivessem tal dado como relevante, não apenas em nível de amostra, como também ao analisar aspectos sociais, culturais e políticos. Porém, não observamos isso nos artigos analisados para esta revisão. Apenas cinco artigos abordam aspectos raciais e somente um tem a negritude feminina como principal tema de análise (Bonfim & Schechter,

2021; Gianesi & Mountian, 2019; Jose & Santos, 2021; Martins, 2020; Rosa et al. 2019).

Mas, afinal, qual a importância de pensarmos nas especificidades de ser mulher e ser negra?

Como apontado por Jose e Santos (2021), os marcadores e discursos que atravessam os sujeitos não atuam de maneira isolada, de forma que o gênero se articula com a raça. Dessa forma, ao estudarmos aspectos da feminilidade, é importante atentar para os diferentes significados atribuídos a mulheres brancas e a mulheres negras. Mesmo que ambas sejam atravessadas pelos aspectos que permeiam o gênero, em uma cultura que valoriza a branquitude, mulheres brancas tendem a ser vistas como mais polidas, educadas, gentis e bem sucedidas, enquanto mulheres negras acabam por ser hiperssexualizadas, silenciadas e vistas como prestadoras de serviços. Como exemplo, Gomes (2020) cita os três lugares constantemente estipulados à mulher negra pela cultura: a mulata hiperssexualizada, a empregada doméstica e a mãe preta. Assim, o racismo implica não apenas nessas narrativas que reduzem e inferiorizam as mulheres negras, mas também em uma negação e afastamento de suas identidades originais e históricas, realizando uma expropriação de seus símbolos e levando-as a julgar o modelo branco de identificação como a única maneira de ser sujeito (Silva em Kon et al., 2017).

Ao falar da mulher negra, fala-se também de um sofrimento sociopolítico e de um desamparo discursivo. Rosa et al. (2019) são algumas das autoras dos estudos analisados que trazem um olhar sobre a mulher negra:

O corpo negro, mas em especial o da mulher, é recolocado em cena através das marcas da escravização na hiperssexualização, permissividade e autorização permanentes e atualizadas nas diferentes formas de violência contra a mulher negra, bem como na alienação destas ao ideal de beleza e valor da mulher branca. (p.92)

Invisibilizar a raça em produções científicas sobre as mulheres é desconsiderar um elemento que contribui para a significação da feminilidade, especialmente no Brasil. Vemos,

portanto, a necessidade de pensar uma teoria e prática racializadas que levem em consideração as experiências corporais negras, marcadas pelo trauma histórico da escravidão e atravessadas pela violência de significantes racistas, levando em conta os sintomas decorrentes dessas vivências. Porém, mais do que isso, também é necessário compreendermos que a afirmação da negritude, assim como suas particularidades culturais, pode ser uma maneira de sair da condição de vítima, muitas vezes imposta pelo racismo cotidiano, reconhecendo também o papel da branquitude neste processo e na produção da teoria e prática clínica.

Ao analisar os artigos sobre psicanálise e feminino, constatamos uma escassez alarmante de estudos que levam em conta tais aspectos, avançando, como colocado por Gomes (2020), no campo do gênero, porém sem abranger as narrativas e realidades vividas por mulheres negras, perpetuando uma visão teórica que considera o sujeito universal ou, nesse caso, a mulher universal, como branca, hétero, cis e de classe social média.

Conclusão

Procuramos analisar a literatura indexada brasileira sobre o feminino e a Psicanálise dos últimos cinco anos. Da análise, apreenderam-se quatro eixos temáticos que abarcam as principais questões exploradas e permitem reflexões críticas acerca do fazer teórico, da produção científica e da articulação com aspectos culturais, sociais e políticos. Verificamos, portanto, que a maioria dos estudos sobre o tema ainda utiliza como base as teorias psicanalíticas clássicas, principalmente de Freud e Lacan, discutindo o feminino a partir de um olhar que leva em consideração somente a Psicanálise, sem trazer uma análise de parâmetros socioculturais ou realizando articulações com outras disciplinas. Tais configurações teóricas não são negativas *per se*, porém julgamos importante que o campo do feminino passe a ser explorado de forma menos limitada, pois, como colocado por Oliveira e

Nicolau (2020), “[...] os diálogos com outras áreas são fundamentais para impulsionar avanços teóricos que permitam novas construções para velhos sintomas”(p.3).

Por outro lado, observamos que há um crescimento de produções que visam esses últimos pontos, abrindo espaço para discussões que envolvam as perspectivas acerca de gênero e raça, criticando os modelos hegemônicos e suas lacunas, além de promover ressignificações de conceitos e elaboração de novas teorias que saiam dos padrões epistemológicos no que diz respeito ao saber psicanalítico. Ao realizar tais ações, reforçamos o caráter político da Psicanálise, contribuindo para valorização das subjetividades e impedindo discursos paralisantes e patologizantes sobre o feminino e as mulheres.

Referências

- Assis, N. D. P., Visintin, C. D. N., Borges, A. A. B. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2020). Mulher, mãe e filha cuidadora: imaginários coletivos sobre relações intergeracionais. *Psicologia Clínica*, 32(2), 213-230. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A01>
- Bonassi, B. C., & De Lima, A. F. (2021). Percursos cisheteronormativos da psicanálise e possibilidades das clínicas no século XXI. *Revista Ártemis*, 22(1), 292-311. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/58246>
- Bonfim, F., & Schechter R. (2021). Crítica a categoria universal de “mulher”: por uma articulação entre feminismo e psicanálise. *Pesquisa e práticas psicossociais*, 16(3), 1-16. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000300012
- Brasil, M. V., & Costa, A. B. (2018). Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis. *Psicologia Clínica*, 30(3), 427-446. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A02>
- Cavalcante, L., & Oliveira, D. P. (2018). Os impasses do feminino e os possíveis entrelaçamentos com a maternidade. *Estilos Clínicos*, 23(3), 503-522. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i3p503-522>
- Cossi, R. K. (2018). A não relação sexual lacaniana em face ao debate entre gênero e diferença sexual. *Revista Subjetividades*, 18(2), 59-67. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v18i2.6692>
- Cossi, R. K. (2019). Luce Irigaray e a Psicanálise: uma crítica feminista. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(2), 319-337. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120209>
- Demes, J. R., Chatelard, D. S., & Celes, L. A. M. (2011). O Feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 11(2), 645-667. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200008

Gianesi, A. P. L., & Mountian, I. (2019). Psicanálise e política: debates feministas para a psicanálise. *Clínica & Cultura*, 8(2), 2-20.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-25092019000200002

Giordani, R. C. F., Piccoli, D., Bezerra, I., & Almeida, C. C. B. (2018). Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(8), 2731-2739.

<https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.1461201>

Gomes, F. O. (2020). “A psicologia é mais branca”: contribuições de raça e gênero para a construção teórica da dinâmica de reconhecimento do trabalho [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.

Holanda, A. C. L., & Checchia, M. A. (2021). Sobre o machismo nas primeiras teorias da etiologia das neuroses. *Caderno de Psicanálise*, 43(44), 163-176.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952021000100011

Jose, J. N., & Santos, K. A. (2021). Violência contra as mulheres: questões do feminino na/para a Psicanálise. *Analytica*, 10(19), 1-28.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200012

Longino, H. E. (2008). Epistemologia feminista. In J. Greco, & E. Sosa (Orgs.), *Compêndio de epistemologia* (pp. 505-546). Edições Loyola.

Kon, N. M., Silva, M. L. & Abud, C. C. (2017). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva.

Marcos, C. M., Guedes, M. M. C. & Motta, J. (2021). Maternidade e forclusão: A equação filho-kakon. *Psicologia Clínica*, 33(2), 321-333.

<http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n02A06>

Marcos, C. M., & Silva, T. L. (2019). Madeleine e Medeia: mulheres além da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 24, 1-16. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42589>

Martin, C. A., & Vieira, M. A. (2021). Lacan e Butler: uma conversa possível. *Analytica*, 10(19), 1-19.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200006

Martins, A. A. (2020). Uma leitura feminista decolonial de “O mal-estar na civilização”. *Revista Natureza Humana*, 22(2), 44-61.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302020000200003&script=sci_abstract&tlng=pt

Moncau, G. (08 de março de 2022). *Primavera feminista, Marcha das Mulheres Negras, #EleNão: quais os contextos do 8M em 2022*. Brasil de Fato.

<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/primavera-feminista-marcha-das-mulheres-negras-ele-nao-quais-os-contextos-do-8m-em-2022>

Moraes, G. C. S., & Coelho Junior, N. E. (out/dez 2010). Feminino e psicanálise: um estudo sobre a literatura psicanalítica. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 791-800.

<https://www.scielo.br/j/pe/a/99B6Q46gMn7PcrrKVStkLtL/?format=pdf&lang=pt>

Natansohn, G., & Silva, J. S. (2017). Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a “Primavera Feminista” brasileira. *Triade*, 5(10), 113-130.

<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2017v5n10p113%20-130>

Oliveira, L. B. (2019). O desejo da mãe a partir do diagnóstico de autismo. *Psicologia em Revista*, 25(3), 1287-1300. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n3p1287-1300>

Oliveira, P.A., & Nicolau, R. F. (2020). Feminino em questão: diálogos contemporâneos entre psicanálise e feminismo. *Revista Subjetividades*, 20(2), 1-12.

<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp2.e8974>

Pombo, M. F. (2019). Estrutura ou dispositivo: como (re)pensar a diferença sexual hoje.

Revista Estudos Feministas, 27(2), 1-11. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254194>

Rosa, M. D., Binkowski, G. I., & Souza, P. S. (2019). Tornar-se mulher negra: uma face pública e coletiva do luto. *Clínica & Cultura*, 8(1), 86-100.

<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n354025>

Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2019). A experiência emocional de autoras de Mommy Blogs. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 107-130.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100007

Silva, E. O. (2017). Internet, estupro, assédio sexual e ativismo na campanha online “primeiroassédio”. Em C. Stevens, E. Silva, S. Oliveira, & V. Zanello (Orgs.), *Relatos, análise e ações no Enfrentamento da Violência Contra as Mulheres* (200-233). Techopolitik.

Silveira, E. B. C., Cruz, S. V. O. & Mélo, R. S. (2021). Miragens do Eu: angústia, desejo e produção estética do corpo feminino ideal. *Tempo Psicanalítico*, 53(1), 248-278.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382021000100011

Souza, A. L. F. (2018). Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais. *Revista Ártemis*, 25(1), 89-112. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2018v25n1.37640>

Souza, N. S. & Pereira, V. C. (2018). A escrita da mulher/a escrita feminina na poesia de Maria Teresa Horta. *Revista Estudos Feministas*, 26(2), 1-14.

<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n244115>

Tokarnia, M., Boehm, C., & Platonow, V. (08 de março de 2019). *Marcha das mulheres no país tem combate ao feminicídio como bandeira*. Agência Brasil.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-03/marcha-das-mulheres-tem-luta-contra-o-femicidio-como-bandeira>

Verceze, F. A., & Cordeiro, S. N. (2019). Feminilidade não toda: uma revisão sistemática da literatura. *Tempo Psicanalítico*, 51(2), 140-165.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-48382019000200008

Vieira, M. M. C. D., & Moreira, A. C. G. (2020). Ideais culturais e o tornar-se mulher: a cultura da constituição da feminilidade. *Trivium*, 12(1), 14-28.

<http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2020v1p.14>.

“O recurso ao inconsciente como fonte de subversão só faz sentido, parece, se a lei paterna for compreendida como um determinismo rígido e universal que faz da “identidade” uma questão fixa e fantasística. Mesmo se aceitarmos o conteúdo fantasístico da identidade, não há razão para supor que a lei que fixa os termos dessa fantasia é impermeável à variabilidade e às possibilidades históricas”

Judith Butler

ESTUDO 3

A “verdadeira mulher”: controvérsias e debates sobre o feminino em Psicanálise

The “real woman”: controversies and debates about the feminine in Psychoanalysis

La “mujer real”: controversias y debates sobre lo femenino en Psicoanálisis

Resumo

O feminino na Psicanálise apresenta-se como um campo plural e repleto de pontos obscuros, instigando debates desde as primeiras publicações freudianas sobre o tema. Com o passar dos anos, observamos não apenas críticas com relação à visão de Freud e Lacan sobre as mulheres, como também o surgimento de perspectivas teóricas que visam partir de um novo campo que não o fálico e masculino. A partir de tais constatações, o objetivo deste artigo é apresentar e analisar as teorias psicanalíticas relacionadas ao feminino e às mulheres, buscando compreender as controvérsias sobre o tema, principalmente no que diz respeito à primazia fálica.

Palavras-chave: psicanálise; feminino; feminismo; falo

Abstract

The feminine in Psychoanalysis presents itself as a plural field full of obscure points, instigating debates since the first Freudian publications on the subject. Over the years, we have observed not only criticisms regarding Freud and Lacan's view of women, but also the emergence of theoretical perspectives that aim to start from a new symbolic field that is not phallic and masculine. Based on these findings, the objective of this article is to present and analyze psychoanalytic theories related to the feminine and women, seeking to understand the controversies on the subject, especially with regard to the phallic primacy.

Keywords: psychoanalysis; feminine; feminism; phallus

Resumen

Lo femenino en Psicoanálisis se presenta como un campo plural lleno de puntos oscuros, instigando debates desde las primeras publicaciones freudianas sobre el tema. A lo largo de los años, observamos no solo críticas a la visión de Freud y Lacan acerca de la mujer, sino también el surgimiento de perspectivas teóricas que pretenden partir de un nuevo campo que no es fálico y masculino. Con base en estas consideraciones, el objetivo de este artículo es presentar y analizar las teorías psicoanalíticas acerca del femenino y de la mujer, buscando comprender las controversias acerca del tema, especialmente en lo que respecta a la primacía fálica.

Palabras clave: psicoanálisis; femenino; feminismo; falo

Introdução

O debate sobre o estatuto do feminino para a Psicanálise já ultrapassa 100 anos de história, causando rebuliço não apenas dentro no campo psicanalítico, como também estendendo-se a áreas como a Sociologia, os Estudos de Gênero, o Feminismo e a Antropologia. Desde estudiosos que seguem o pensamento freudiano à risca até novas teorias que ultrapassam as noções de binarismo de gênero, o feminino não cessa de inscrever-se na teoria e na prática clínica psicanalítica (Pombo, 2019). Dado a quantidade extensa de controvérsias e falas sobre o tema, passamos a questionar onde, de fato, estaria definido o feminino e, mais ainda, como os desdobramentos atuais influenciam na permutação do pensamento psicanalítico sobre o tema.

As mudanças observadas nos últimos dez anos em pautas relacionadas às mulheres demonstram uma movimentação simbólica nos preceitos da feminilidade, do feminino e do “ser mulher”. Os movimentos pró-aborto, os debates relacionados à gênero e à sexualidade e o crescimento de estudos em campos como a História das Mulheres e Trabalho Feminino são alguns dos fatores que democratizaram ainda mais as discussões e questionamentos sobre a suposta hegemonia do patriarcado, estimulando o surgimento de novas correntes de pensamento, de subjetivações e lançando luz sobre modalidades de sofrimento que dizem do modo de ser das mulheres na atualidade (Oliveira & Nicolau, 2020). Porém, tal movimento não poderia se dar sem uma contraposição. Assim, também constatamos uma tentativa de manter o discurso conservador de gênero, buscando forçar a mulher a continuar em uma posição de submissão entendida como natural, quando, na verdade, esta é uma consequência de uma dominação simbólica que intervém e é moldada por nosso contexto histórico e cultural (Bourdieu, 2021).

Ao considerarmos a Psicanálise não apenas em sua teoria e prática clínica, mas também em sua capacidade política (Gianesi & Mountian, 2019), torna-se necessário pleitear

a visão psicanalítica a respeito do feminino e das mulheres. É fundamental compreender que a Psicanálise, aqui especificamente a freudiana e lacaniana, possui seus méritos e contribuições para os estudos sobre o feminino. Entretanto, precisamos considerar outros caminhos e disposições que abrangem a amplitude do ser mulher e da feminilidade em novas possibilidades simbólicas. Isso não implica, necessariamente, na recusa da psicanálise de Freud e Lacan, mas sim em ir além, explorando visões que, devido à influência cultural da época, podem não ter sido contempladas pelos mesmos. Como apontado por Oliveira e Nicolau (2020): “[a psicanálise] desponta como uma terceira via dos estudos de gênero, cuja análise permitiria explicar a produção e reprodução da identidade de gênero no âmbito do sujeito, especialmente a partir do conceito de diferença sexual” (p.2). Ademais, ao discutirmos o feminino, também discutimos gênero como um dispositivo que “evidencia as relações de poder e os processos de dominação ligados à distinção sexual” (Giordani et al., 2018, p.2732), pontos dos quais não se abstêm o discurso psicanalítico e que podem abrir caminhos para possíveis mudanças no pensamento cultural e político da nossa sociedade.

Talvez a questão mais polêmica envolvendo o feminino e a Psicanálise seja sobre a primazia fálica presente no discurso psicanalítico clássico. Sobre o conceito do falo, Laplanche e Pontalis (1991) dizem:

Não se poderia atribuir ao símbolo falo uma significação alegórica determinada, por mais ampla que a queiramos (fecundidade, poder, autoridade, etc.). Por outro lado, não se poderia reduzir o que ele simboliza ao órgão masculino ou pênis tomado na sua realidade corporal. Por fim, tanto ou mais do que como símbolo (no sentido de uma representação figurada e esquemática do órgão viril), o falo se encontra como significação, como o que é simbolizado nas mais diversas representações [...] (p.168)

Mesmo que o falo não esteja reduzido à equivalência ao pênis, é necessário lembrar que sua inserção no contexto social ainda traz pontos que favorecem a referência ao

masculino, o que pode parecer natural considerando o campo simbólico no qual nossa sociedade está inserida. Como colocado por Neri (2005):

Referida a um simbólico universal que tem como paradigma o masculino, a teoria fálico-edípica se configura como uma versão masculina da diferença, inscrevendo-se em linha direta com a tradição filosófica de uma metafísica dos sexos que desde o monismo aristotélico galênico instaura uma dicotomia masculino = mais / feminino = menos. Essa dialética que gira em torno da presença ou da ausência do falo instaura uma divisão masculino - fálico / feminino - castrado, na qual o feminino como diferença só pode ser pensado como “um a menos”(castrado e invejoso em Freud), ou “um a mais” (bigozo em Lacan), sempre determinado pelo universal fálico. (p.14)

O falocentrismo da teoria psicanalítica é constantemente criticado por estudiosas do Feminismo, dos Estudos de Gênero e até mesmo da própria Psicanálise. Em especial, as discussões envolvendo a primazia fálica tomaram proporções maiores a partir da década de 1970, influenciadas pelos ensinamentos de Lacan e pelo advento do feminismo das diferenças (Moraes & Coelho Junior, 2010). Para muitas teóricas ainda hoje, como levantado por Oliveira e Nicolau (2020), o falo está intrinsecamente ligado à cultura patriarcal e misógina e limitar o feminino e a mulher a esse campo é invisibilizar suas várias formas de subjetivação. Assim, seria preciso explorar outros campos simbólicos que não partam do masculino.

Considerando tais pontos, questionamos se é possível ir além de um campo simbólico fálico ao tratarmos do feminino. Ou será apenas um campo outro? Um campo que talvez está há muito enterrado e mesclado com esse simbólico patriarcal dominante e masculino? Podemos resgatá-lo? Ou estamos estruturando algo novo? Alguma teoria consegue, de fato, abarcar a “verdadeira mulher”? E, se não, por que tantos estudiosos da Psicanálise insistem em encarcerar as noções do feminino e fechar todos os debates sobre um tema supostamente infindável?

Objetivamos, assim, retomar as contribuições e críticas dos pensamentos freudiano e lacaniano sobre a mulher e o feminino, além de expor outras teorias que surgiram ao longo dos anos, que buscaram ir além da referência fálica, instigando debates que há muito são necessários para o avanço da Psicanálise.

O Feminino para Freud

Desde seus estudos sobre a histeria e do estabelecimento inicial do método psicanalítico, Freud tratava do feminino e das mulheres. Observamos isso com suas pacientes histéricas, que tem como principal representante Anna O.. Anna não apenas foi uma figura marcante para a compreensão da histeria no meio psicanalítico, como também cunhou o termo “cura pela fala” durante seu tratamento com Freud e Breuer no final do século XIX (Neri, 2005). Assim, podemos dizer que a Psicanálise surge, dentre outros fatores, a partir do questionamento de Freud em relação aos sofrimentos inconscientes de mulheres histéricas, os quais consideramos terem sido influenciados pela concepção de feminilidade imposta pela cultura de sua época. Ao escutar as histéricas, Freud permitiu que as mulheres falassem sobre seus desejos, angústias e sobre sua sexualidade, o que foi considerado uma grande contribuição de sua parte, pois permitiu um novo olhar sobre os sofrimentos que permeavam a feminilidade (Valdívia, 1997).

Ao longo da primeira década do século XX, Freud (1905/2016) passou a explorar os campos do inconsciente e da sexualidade, focalizando nos aspectos da infância, da moral cultural e da neurose. Nesse momento inicial da obra freudiana, o autor indica que o clitóris seria a zona erógena primária na mulher, sendo homólogo a um pequeno pênis. Ademais, assinala que o caminho em direção à feminilidade “normal” levaria a uma transferência da zona erógena do clitóris para a vagina, motivada pela forte repressão sexual que ocorreria durante a puberdade, simbolizando a passagem da libido de uma posição ativa para uma passiva.

No que diz respeito à equivalência entre feminino e passividade, o autor trata de um aspecto pulsional, o que relaciona-se mais adiante em sua obra a questões a respeito do masoquismo. É importante lembrar que a passividade e o masoquismo não estão restritos às mulheres e que a posição de submissão não implica uma posição passiva (Ribeiro & Pinto, 2012). O próprio Freud indica que os sexos possuem uma mistura de características masculinas e femininas, podendo assumir posições ativas ou passivas.

Em relação à sexualidade feminina, o pai da Psicanálise também diz: “[...] o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre, na menina, mais cedo e com menor resistência do que no menino; a tendência à repressão sexual parece maior [...]” (Freud, 1905/2016, p.138). Apesar de questionar e criticar a moral cultural de sua época, Freud não dava muita atenção a tais aspectos ao falar sobre o feminino, tratando apenas brevemente sobre a influência da cultura e da história na psique das mulheres como em seu trabalho sobre a feminilidade: “Mas nisso temos que atentar para não subestimar a influência da organização social, que igualmente empurra a mulher para situações passivas.”(Freud, 1933/2010, p.268). Apesar de apontar tal fator, Freud não parece levá-lo em consideração ao falar da mulher em sua teoria, reduzindo-a ao destino e conceituação padrão de sua época. Dessa maneira, podemos pensar quanto dessa repressão da sexualidade feminina que coloca a mulher em uma posição passiva diz da própria concepção patriarcal moderna sobre a feminilidade. Como apontado por Kehl (2016), a mulher ideal para a modernidade era aquela que cuidava da vida privada e dos filhos, mantinha-se conivente com as disposições do outro e sustentava a virilidade de seu marido. Hoje, os argumentos de que a feminilidade “normal” possuiria tais características não se sustenta, visto que o significado do feminino e a posição social que as mulheres ocupam não condizem mais com a visão freudiana/moderna.

É a partir da década de 1920 que Freud passa a tratar do feminino de maneira mais particular, trazendo a diferenciação do Complexo de Édipo para o menino e a menina. Em “A Dissolução do Complexo de Édipo”(1924/2011), o psicanalista postula que o que levaria a menina a passar pelo Édipo seria algo diferente do medo da castração, pois ela já teria constatado que lhe falta um pênis e desejaria possuir um, processo que Freud chama de “inveja do pênis”. Com isso, a menina buscaria compensar esse pênis perdido através do desejo de ter um bebê, o que a prepararia para o desenvolvimento “normal” da sua sexualidade. Em seguida, ele continua a discorrer sobre o Édipo, indicando agora uma fase pré-edípica para a menina. É através da inveja do pênis e da frustração diante da mãe não possuí-lo, nem poder dá-lo à menina, que esta passaria a desejar o pai e, mais adiante, um bebê.

É nesse mesmo texto que Freud (1924/2011) indicou os possíveis caminhos da feminilidade, sendo o “mais adequado” este da menina desejar o pênis, passar pela transferência da zona genital e, quando adulta, tornar-se mãe. Os outros dois indicam resoluções que seriam consideradas patológicas. Um deles aponta para a situação na qual a esperança de ter um pênis se mantém por um período prolongado, gerando um “complexo de masculinidade”, enquanto o outro ocorreria quando há uma recusa, uma negação em relação a não possuir um pênis, o que levaria a uma psicose. Essa última constatação se mostra bastante problemática, pois sugere que a transsexualidade seria equivalente a uma psicose, ignorando em muitos aspectos a complexidade das questões de gênero (Bonassi & De Lima, 2021). Podemos tecer críticas também ao caminho da dita feminilidade “adequada”, já que, para diversas mulheres, foi esse aprisionamento no ideal patriarcal e conservador do feminino que pode ter contribuído com ascensão de sintomas histéricos e outras formas de sofrimento.

Ao longo de toda a sua obra, Freud utiliza principalmente de palavras referentes a anatomia como “vagina”, “clitóris”, “pênis” e outros para discorrer sobre o feminino, ponto

que incita algumas das principais controvérsias nos debates sobre o tema (Cossi, 2019).

Acreditamos que a escolha dessas palavras se deu no contexto médico do qual Freud advinha - questão esta que Lacan irá modificar em seus estudos. Porém, as consequências e interpretações geradas a partir do uso de tais termos podem ter contribuído com a visão patriarcal sobre a mulher. Ao mesmo tempo em que utiliza esse vocabulário anatômico, Freud (1933/2010) também aponta para a insuficiência de utilizá-lo para analisar a diferença sexual: “[...] o que constitui a masculinidade ou feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomia não pode apreender.”(p.266)

Ao falarmos do corpo feminino, fica marcante a dimensão social da questão, já que este é visto como público, sendo “objeto de uma biopolítica específica para sua contenção e regulação por normas e valores” (Giordani et al., 2018, p.2732). Dessa maneira, se Freud entendia a anatomia como destino, discutir sobre o estatuto do feminino e da feminilidade não permite a exclusão da cultura que atravessa esse corpo. Ao falar do feminino na Psicanálise utilizando palavras que remetiam ao corporal, Freud promoveu uma invisibilização de aspectos culturais patriarcais que foram apontados pelo próprio autor em diversos momentos de sua obra. Assim sendo, fica a dúvida se tal formulação possui caráter de denunciar ou de perpetuar esse *status* do patriarcado moderno. Ambos os caminhos (de denúncia e de perpetuação) foram tomados por psicanalistas, estudiosos e pelo público geral ao longo dos anos, gerando consequências significativas no desenvolvimento da teoria psicanalítica e da cultura. Alguns psicanalistas, como o psicanalista Michel Schneider, ainda hoje utilizam a teoria freudiana para justificar sua misoginia e embasar argumentos de que as mulheres seriam inferiores e naturalmente submissas (Pombo, 2019).

Apesar disso, psicanalistas contemporâneos a Freud, como Ernest Jones, Karen Horney e Melanie Klein, criticaram sua visão sobre o feminino e a mulher, propondo outros olhares e fomentando discussões (Oliveira & Nicolau, 2020). Horney foi uma das pioneiras

ao dizer que a visão freudiana sobre o feminino seria parte de uma fantasia masculina, problematizando a noção de inferioridade do corpo feminino e apontando aspectos sociais que influenciam nas formas de construção psíquica das mulheres (Brasil & Costa, 2018). No entanto, as contribuições de Freud foram reconhecidas por psicanalistas e teóricas feministas, sendo uma delas Juliet Mitchel, defendendo que a Psicanálise freudiana teria contribuído para a difusão do pensamento feminista, tratando da particularidade da mulher e causando incômodo no *status quo* da sociedade (Moraes & Coelho Junior, 2010).

Algumas das críticas mais recentes à psicanálise freudiana apontam para o contexto cultural no qual Freud estava inserido, e que, mesmo tendo desafiado tabus de sua época, a teoria psicanalítica não possui um caráter a-histórico. A antropóloga Gayle Rubin foi uma das mulheres que fez fortes críticas à Psicanálise, manifestando que esta “[...] reproduzia as relações em que as mulheres são oprimidas, inaugurava a heterossexualidade como norma e biologizava a questão de gênero.” (Brasil & Costa, 2018, p.432). Judith Butler compartilhava da visão de Rubin sobre a psicanálise, principalmente em relação à heterossexualidade que parece guiar a teoria freudiana no que diz respeito à sexualidade. Partindo dos estudos de Freud sobre a melancolia e sobre o Complexo de Édipo, Butler (2003) argumenta que a construção do gênero e da sexualidade é afetada não apenas pelo tabu do incesto, como também do tabu contra a homossexualidade. Assim, a masculinidade e a feminilidade seriam resultados da internalização de tais tabus.

Ao final de sua obra, Freud traz uma nova dimensão acerca do feminino, que irá inaugurar a concepção contemporânea sobre a mulher e a feminilidade. Ele postula que a feminilidade diz da contraposição à ordem fálica, indicando outra lógica que nortearia os sujeitos, sejam eles homens ou mulheres (Demes et al., 2011). Contudo, apesar de suas extensas discussões e elaborações, precisamos recordar que Freud (1924/2011) também expôs suas dificuldades e limites acerca da feminilidade com bastante frequência em seus textos,

dizendo, por exemplo, que “[...] no conjunto é preciso admitir que nossa compreensão desses processos de desenvolvimento da menina é insatisfatória, plena de lacunas e pontos obscuros.” (p. 213). É justamente nestes pontos obscuros que Lacan procurou definir o âmago do feminino.

As Contribuições e Controvérsias Lacanianas

Os estudos de Lacan foram um ponto de virada para a Psicanálise, oferecendo um olhar diferente à teoria freudiana e inaugurando uma das principais linhas contemporâneas do saber psicanalítico. No que tange ao conceito de falo, Lacan o apresenta dentro do *status* de significante, ou seja, como um objeto simbólico que estaria ausente para todos os sexos (Oliveira & Nicolau, 2020). Em sua teoria, ele propõe a clínica do gozo, na qual o sujeito pode ser referido a partir de duas lógicas: a lógica fálica, sendo ordenada pela falta; e a lógica não toda fálica, ou do gozo outro, abrangendo um campo que vai além da linguagem e se aproxima do Real. Ao discorrer sobre tais modalidades de gozo, em seu Seminário 20: “Mais Ainda”, Lacan (1985) enuncia como se dá a diferença sexual, alicerçada pelas chamadas “fórmulas de sexuação”.

Para Lacan, a posição masculina implica a inscrição no campo fálico e na lógica do todo, que está limitada pela linguagem e pelo que é passível de simbolização, direcionando o sujeito à dialética do ser ou ter o falo, seja ele homem ou mulher (Demes et al., 2011). Porém, ao procurar elucidar a posição feminina e seus desdobramentos, o autor percebeu que algo sempre escapava, sendo impossível de ser nomeado. Partindo de tais hipóteses postulou, então, o feminino como localizado para além da significância fálica, estando associado ao gozo não simbolizado ou gozo outro. Assim, o quadrante feminino estaria não-todo na função fálica, ou seja, o sujeito que assume a posição feminina, ao mesmo tempo que participa do jogo fálico, também está regido em parte por esse gozo indizível (Lacan, 1985). Vale recordar que, como dito por Demes et al. (2011), “[...] a teoria lacaniana não associa o gozo do Outro

como um traço exclusivo do feminino e o gozo fálico como um traço exclusivo do masculino, e sim como esses dois tipos de gozo se encontram no homem e na mulher” (p.660).

É baseado nas fórmulas da sexuação que Lacan cunhou a frase “A Mulher não existe”, pois, diferente do homem que está dentro de um conjunto, de um universal que é identificado pelo falo, a mulher não possui esse elemento uno, um significante que seja passível de definir todas as mulheres (Valdívia, 1997). Assim, para falar das mulheres, é preciso entendê-las em suas particularidades, contando-as uma a uma. Por seu caráter irrepresentável, o feminino teria um conflito no que diz respeito à identificação, o que faria com que a feminilidade fosse como um semblante, uma máscara usada pelas mulheres.

A máscara da feminilidade, como colocado por Ribeiro e Pinto (2012), serviria como forma de representação utilizada pela mulher para apresentar-se diante do Outro, pela vertente fálica. Assim, ela encena posições do feminino dentro do jogo fálico, assumindo-se como castrada, como objeto e como masoquista. Pode-se dizer, portanto, que a máscara vem como artifício simbólico da mulher para dar conta de sua falta de identidade feminina.

Lacan também anuncia que a única representação simbólica possível para mulher é no lugar de mãe, já que esta encontraria no bebê uma satisfação para sua necessidade fálica (Marcos & Silva, 2019). Porém, o ser mãe não permite que a “verdadeira mulher”, esta que está para o não-todo fálico, apareça. O autor defende que é na devastação feminina que podemos nos aproximar da mulher Real. Em determinado ponto de sua obra, Lacan utiliza os atos de Madeleine Gide e Medeia para exemplificar a questão da devastação feminina e do abismo que há entre o ser mãe e o ser mulher, compreendendo que ambas destruíram e abdicaram de seus objetos de amor fálico com o objetivo de atingir o Outro (Marcos & Silva, 2019). Assim, pode-se dizer que “[...] a verdadeira mulher só pode aparecer em um *tyche*, como um acaso. É nesse instante do ato, e somente nele que poderíamos encontrar uma verdadeira mulher, ainda assumindo que ela não existe” (p.10).

Como Freud, Lacan foi alvo de críticas por parte de estudiosas de diferentes áreas, como Judith Butler e Luce Irigaray. Butler (2003) teceu comentários sobre o viés lacaniano relacionado à teoria sobre o feminino e sobre gênero, apontando como a perspectiva masculina que permeia o campo fálico e a própria vivência do autor podem ter interferido em suas formulações: “Ora, não seria essa explicação a consequência de uma recusa que desaponta o observador, cujo desapontamento, rejeitado e projetado, é transformado traço essencial das mulheres que efetivamente o recusam?” (p.94). A autora também faz críticas quanto às fórmulas de sexuação lacanianas, dizendo que as mesmas foram concebidas a partir de uma lei pré-estabelecida que petrifica e limita a sexualidade ao binarismo normativo do “masculino” e “feminino” (Áran & Peixoto Junior, 2007). Já Irigaray (1997) critica a noção psicanalítica de que a mulher somente seria levada em conta como sujeito ao aproximar-se o masculino, entendendo também que a primazia do discurso fálico promovido por Lacan estaria submetido ao discurso normativo de poder, sendo utilizado como um mecanismo de dominação em relação aos corpos das mulheres e à feminilidade.

Apesar disso, é preciso levar em conta que a teoria lacaniana contribuiu para a dissolução da ideia da maternidade como destino único da feminilidade e buscou, ainda que de maneira limitada, compreender a pluralidade do ser mulher. Ao compreender que a mulher estaria não-toda dentro do campo fálico e explorar as possibilidades inclusas no campo da linguagem, Lacan abriu novas possibilidades de debate e permitiu um maior questionamento sobre o tema, instigando boa parte dos debates atuais relacionados ao feminino para a Psicanálise.

O Falocentrismo: Definições e Críticas

A discussão sobre a primazia fálica tem início com o argumento de que a teoria freudiana sobre a feminilidade parte sempre do princípio de que a menina deseja possuir um pênis/falo. Mesmo em caminhos que não levariam ao desenvolvimento “normal” de sua

feminilidade, ela possuiria tal desejo. Em seguida, isso é aprofundado por Lacan, que também utiliza do conceito como centro de toda a significação para o sujeito.

Ao longo dos anos e com a ramificação da teoria psicanalítica, foi possível observar alterações no discurso fálico clássico. Vemos linhas da Psicanálise que mantêm-se fiéis aos ensinamentos freudianos clássicos, outros buscam explorar a psique através da relação materna e da interação com o ambiente, por meio de teóricos como Winnicott. Já alguns estudam os desdobramentos do sujeito a partir do simbólico e da linguagem e há, também, aqueles que estão em busca de campos ainda não explorados. Independentemente de tais variações, é preciso levar em consideração as transformações que conceitos fundamentais da Psicanálise podem ter sofrido durante estes mais de 100 anos desde sua fundação. Como colocado por José e Santos (2021), a Psicanálise atual passa por um momento de reestruturação, em que valoriza-se o diálogo com outras áreas do conhecimento, realiza-se uma leitura mais crítica e social dos fenômenos psíquicos e estimula-se uma desconstrução e reconstrução de certos discursos teóricos. Laplanche e Pontalis argumentam, por exemplo, que o complexo de castração não pode ser mais pertencente somente à menina e, muito menos, dizer exclusivamente do desejo de possuir um pênis. Ele fala, sim, da angústia que envolve a perda e separação, sentimentos que fazem parte dos seres humanos como um todo (Moraes & Coelho Junior, 2010). É necessário possuir um senso crítico em relação a teoria, além de abrir espaços para novas concepções.

Oliveira & Nicolau (2020), ao discorrerem sobre o falocentrismo, indicam que o falo, ao relacionar-se com seu símbolo corporal, o pênis, deixaria de ser um significante neutro, passando a ter uma característica masculina e unilateral. Considerando tal ligação, o falo passaria a ser um componente que aponta para a diferença sexual, contribuindo para o *status* e os direitos que aqueles que o “possuem” na forma do pênis teriam em âmbito social.

Sobre a suposta universalidade do referencial falocêntrico, Butler (2003) argumenta que o significado suportado pela lei paterna, em qualquer contexto histórico, é mais ambíguo, impreciso e ineficaz do que Lacan propõe. A autora também levanta que o “ser” o falo, entendido como parte da posição feminina lacaniana, seria sempre um “[...] “ser para” um sujeito masculino que busca reconfirmar e aumentar sua identidade pelo reconhecimento dessa que “é para”” (p.87).

Um dos argumentos utilizados como crítica ao falocentrismo sustenta que a insistência em mantê-lo como a única referência simbólica é uma forma de lidar com a crise da identidade masculina, iniciada durante a Idade Moderna. Nesse sentido, seria um discurso que procura a “[...] restauração da figura do pai como referência fundadora da ordem e da cultura.”(Neri, 2005, p.66). A crise da masculinidade e do Nome-do-Pai parece ser motivo de frustração não apenas para os psicanalistas, como também para a sociedade em geral. De fato, esse processo de mudança e ascensão simbólica e social da mulher e do feminino não é simples e muito menos fácil, principalmente se pensarmos que a referência simbólica fálica foi construída há séculos com base em uma misoginia que buscava a dominação das mulheres (Bourdieu, 2021).

Se pensarmos de um ponto de vista cultural, esperar que a sociedade se coloque nesse lugar que há tanto tempo é designado como outro e que é objetificado, violentado e inferiorizado sem que as pessoas sintam nenhum tipo de angústia ao assumi-lo, parece impossível. Isso reforça a necessidade de procurarmos novos referenciais simbólicos, ressignificar os conceitos, escutar as diversidades e admitir que o fálico não é, e possivelmente nunca foi, suficiente. Devemos, portanto, parar de agir como se ele carregasse esse estatuto de completude teórica em nossos discursos e, ao invés de silenciar, abrir espaço para o diálogo e para novas perspectivas. Iremos apresentar, a seguir, algumas das teorias

não-falocêntricas desenvolvidas ao longo dos anos e outros pensamentos que envolvem explorar mais além do campo fálico ao falar da mulher.

Partindo de um Novo Ponto: Teorias Não-Falocêntricas

As teorias não-falocêntricas, em sua maioria, passam a ter um destaque a partir da segunda metade do século XX, influenciadas pelo advento do feminismo das diferenças e da escola francesa de Psicanálise (Moraes & Coelho Junior, 2010). Tais teorias são motivadas principalmente pela obra lacaniana e pelos avanços nos estudos de gênero, objetivando desenvolver uma perspectiva psicanalítica sobre a mulher que não parta de um referencial fálico masculinizado e que a inferiorize (Cossi, 2019). Assim, visam enxergar a mulher e o feminino a partir de um campo simbólico próprio.

O Complexo de Electra é, possivelmente, uma das teorias não-falocêntricas mais populares e, ao mesmo tempo, tende a ser compreendida de forma errônea por muitos que a entendem como um simples “Édipo ao contrário”. Inicialmente cunhado por Jung, mas posteriormente aprofundado por Halberstadt-Freud (2006), o Complexo de Electra leva em consideração a relação amorosa primária e homossexual das meninas com a mãe, assim como o processo de identificação ligado à ela. A autora defende que, nesse caso, todo o processo de subjetivação e desenvolvimento da sexualidade da menina passa pela identificação materna, o que significaria que “[...] a cada progresso existe a ameaça de um retrocesso”(p.32). A figura de Electra é evocada para dizer não apenas dos sentimentos masoquistas e agressivos que permeiam a relação materna, mas também o desejo por seu amor e apreço. Diferente do Édipo, o complexo de castração não entra em jogo e a separação não é absolutamente necessária para um desenvolvimento da sexualidade saudável na menina. A noção do masoquismo passa a ser explorada a partir da percepção de que este teria origem nos sentimentos ambivalentes direcionados à mãe e que foram reprimidos, diferente da percepção freudiana que relaciona tais questões à relação paterna. Halberstadt-Freud (2006) também

critica a visão de Freud sobre o feminino ao dizer que “A manutenção de sua posição deve-se a um preconceito secular sobre a genitália feminina como derivada da masculina.”(p.46) e defende teorias alternativas que postulam que “[...] não é a menina que inicia sua vida como menino, mas o menino que deve encontrar sua identidade de gênero através da desidentificação com sua mãe”(p.47).

Deleuze e Guattari (1973/2011) também tiveram suas colaborações, propondo não apenas uma perspectiva não-falocêntrica, como também um abandono do binarismo ao falarmos da diferença sexual. Como indica Pombo (2019), os autores criticam a universalidade atribuída ao Édipo e sugerem o conceito de máquina desejante, compreendendo o desejo como nômade, fluído e estando ligado à realidade histórica e social. A diferença sexual passa, dessa forma, a ter múltiplas facetas, pois em cada indivíduo estariam inclusos n sexos, que se constituiriam “[...] a partir da circulação de intensidades e de afetos impessoais e sem significação” (p.9). Essa concepção barra o conceito da castração e das relações edípicas, o que, na percepção dos autores, daria uma maior abertura para a singularidade presente em todos nós.

Outra proposta discutida por Moraes e Coelho Junior (2010) é a do “Complexo de Perséfone”, desenvolvido por Kulish e Holtzman, que também teve como base mitos gregos. Na história, a deusa Perséfone é levada ao submundo pelo seu futuro esposo, o deus Hades, o que causa um grave conflito entre o casal e Deméter, mãe de Perséfone. Assim, as autoras propõem uma “feminização do Édipo”(Holtzman & Kulish, 2016), onde o foco se daria na relação mãe-filha e os sentimentos ambivalentes permaneceriam inconscientes, diferente do observado no Complexo de Electra. Outro ponto chave é que, apesar de sugerir uma triangulação, a separação se dá através de uma figura que se relaciona com a própria filha, e não com a mãe. Além disso, essa separação não estaria motivada por um desejo de possuir o falo, mas pelo desejo da filha de explorar sua sexualidade e permitir que os sentimentos de

agressividade fluam. Ao mesmo tempo, sugere que a ambivalência se daria pelo fato da filha também desejar a autorização e amor por parte da mãe que, nesse caso específico, limita o desenvolvimento da filha.

Ao discutirmos as teorias não-falocêntricas é viável indicarmos que o seu uso e desenvolvimento podem auxiliar na compreensão de subjetividades e modalidades de sofrimento que previamente não foram abarcadas, além de possibilitar a incorporação de perspectivas que considerem aspectos do gênero que vão além da cisheteronormatividade e do binarismo (Bonassi & De Lima, 2021). Irigaray (1997) propõe, ademais, que esta agregação teria contribuições também no âmbito da clínica, permitindo uma melhor escuta analítica e manejo da transferência.

Conclusão

Procuramos discutir, neste estudo, não apenas as contribuições realizadas por Freud e Lacan ao falar do feminino e da mulher em Psicanálise, mas também algumas das críticas direcionadas às suas teorias. Além disso, analisamos a discussão acerca do falocentrismo teórico e as propostas que permitem desdobramentos a partir de outros campos. Partindo da ideia que a Psicanálise tem a capacidade de questionar os discursos hegemônicos, entendemos que jogar luz no tema do feminino pode contribuir para o desmonte das estruturas patriarcais e para o crescimento de políticas em favor das mulheres. Porém, para que tal movimento possa ocorrer, é preciso “[...] uma reflexividade contínua por parte da analista e uma revisão de aspectos da psicanálise frente aos debates feministas anti-coloniais [...]” (Gianesi & Mountian, 2019, p. 5). Da mesma maneira, a desconstrução de pressupostos teóricos que limitam as mulheres a uma visão androcêntrica torna-se fundamental atualmente. Desconstruir não no intuito de destruir todas as bases psicanalíticas, mas sim, como uma forma de “[...] questionar evidências, desnaturalizar e pensar que o que é poderia não ser” (Pombo, 2019, p.5).

No que diz respeito às elaborações futuras sobre o feminino no campo da Psicanálise, pode-se considerar as mudanças simbólicas em relação ao ser mulher nas últimas décadas, quando observamos diversas movimentações acerca do ideal da feminilidade. Hoje, as mulheres estão implicadas no ser ou não ser mãe, trabalhar em organizações e ao mesmo tempo ter o trabalho doméstico ainda desvalorizado, ser amada e ser odiada (por si e pelo olhar do Outro, tão presente nessa era digital) e como isso influencia em seus corpos, além de muitas outras particularidades que dizem do ser mulher na atualidade. Conjuntamente, podemos pensar nos desdobramentos acerca do gênero, que hoje abre espaço para pensarmos além das concepções binárias, cisgêneras e heteronormativas. Como esses aspectos afetam o estatuto do feminino? Há tanto a ser explorado que manter o feminino e as mulheres limitados unicamente às teorias freudolacanianas não é apenas contraprodutivo em termos de produção científica, é também uma contradição diante da complexidade e diversidade apontadas por esses mesmos autores ao falarem do tema.

Vale lembrar que não pretendemos aqui esgotar o debate, nem produzir uma verdade. Ao compreendermos que o feminino é plural e que Freud e Lacan não exploraram toda a vastidão de seu continente, é possível convocarmos novas perspectivas teóricas a serem elaboradas. Acreditamos que, mesmo considerando o feminino como estando em um campo Outro, isso não significa que devemos parar as investigações sobre o tema neste ponto obscuro. É necessário incluir conhecimentos de outras disciplinas e construir pontes que permitam trocas e diálogos próprios dessa multiplicidade do feminino. Frisamos também a importância de serem consideradas as questões sociais, históricas e raciais que atravessam a experiência do ser mulher, principalmente em nossa prática clínica e no tocante à elaboração da teoria psicanalítica sobre este tema que, felizmente, parece não ter um ponto final.

Referências

- Arán, M., & Peixoto Junior, C. A. (2007). Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, 28, 129-147.
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100007>
- Bonassi, B. C., & De Lima, A. F. (2021). Percursos cisheteronormativos da psicanálise e possibilidades das clínicas no século XXI. *Revista Ártemis*, 22(1), 292-311.
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/58246>
- Bourdieu, P. (2021). *A Dominação Masculina* (19ª ed.). Bertrand Brasil.
- Brasil, M. V., & Costa, A. B. (2018). Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis. *Psicologia Clínica*, 30(3), 427-446.
<http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A02>
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (22ª ed.). Civilização Brasileira.
- Cossi, R. K. (2019). Luce Irigaray e a Psicanálise: uma crítica feminista. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(2), 319-337.
<http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120209>
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2011). *O Anti-Édipo*. Editora 34. (Original publicado em 1973)
- Demes, J. R., Chatelard, D. S., & Celes, L. A. M. (2011). O Feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 11(2), 645-667.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200008
- Freud, S. (2010). A Feminilidade em Novas conferências introdutórias à Psicanálise. Em S. Freud, *Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)* (1ª ed., pp. 263-293). Companhia das Letras. (Original publicado em 1933)

Freud, S. (2011). A Dissolução do Complexo de Édipo. Em S. Freud, *Obras completas, volume 16: o Eu e o ID, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (1ª ed., pp. 203-213).

Companhia das Letras. (Original publicado em 1924)

Freud, S. (2016). As Transformações da puberdade em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Obras Completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (1ª ed.). Companhia das Letras. (Original publicado em 1905)

Gianesi, A. P. L., & Mountian, I. (2019). Psicanálise e política: debates feministas para a psicanálise. *Clínica & Cultura*, 8(2), 2-20.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-25092019000200002

Giordani, R. C. F., Piccoli, D., Bezerra, I., & Almeida, C. C. B. (2018). Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(8), 2731-2739.

<https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.1461201>

Halberstadt-Freud, H. (2006). Electra versus Édipo. *Psychê*, 10(17), 31-54.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000100003

Holtzman, D., & Kulish, N. (2000). The Feminization of the Female Oedipal Complex, Part I: a Reconsideration of the Significance of Separation Issues. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 48(4), 1413-1437.

<https://doi.org/10.1177/00030651000480041301>

Irigaray, L. (1997). O gesto na psicanálise. Em T. Brennan (Org.) *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher* (p. 171-186). Record / Rosa dos Tempos.

Jose, J. N. & Santos, K. A. (2021). Violência contra as mulheres: questões do feminino na/para a Psicanálise. *Analytica*, 10(19), 1-28.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200012

Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do Feminino* (2ª ed.). Boitempo

- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1ª ed.). Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (1991). *Vocabulário da Psicanálise* (11ª ed.). Martins Fonte.
- Marcos, C. M., & Silva, T. L. (2019). Madeleine e Medeia: mulheres além da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 24, 1-16. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42589>
- Moraes, G. C. S., & Coelho Junior, N. E. (out/dez 2010). Feminino e psicanálise: um estudo sobre a literatura psicanalítica. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 791-800.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/99B6Q46gMn7PcrrKVStkLlL/?format=pdf&lang=pt>
- Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Civilização Brasileira.
- Oliveira, P. A., & Nicolau, R. F. (2020). Feminino em questão: diálogos contemporâneos entre psicanálise e feminismo. *Revista Subjetividades*, 20(2), 1-12.
<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp2.e8974>
- Pombo, M. F. (2019). Estrutura ou dispositivo: como (re)pensar a diferença sexual hoje. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), 1-11. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254194>
- Ribeiro, C. N., & Pinto, J. M. (2012). Reduzir-se a nada: articulações entre o masoquismo, o feminino e a máscara. *Psicologia USP*, 23(3), 503-521.
<https://doi.org/10.1590/S0103-65642012005000009>
- Valdivia, O. B. (1997). Psicanálise e Feminilidade: Algumas Considerações. *Psicologia Ciência e Profissão*, 17(3), 20-27. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000300004>

Encerramento

Esta dissertação, em sua busca por analisar os aspectos históricos e epistemológicos da teoria sobre o feminino na Psicanálise, deixa para mim alguns pontos chave. O primeiro deles seria a importância da História na elaboração, divulgação e perpetuação de teorias científicas. No que diz respeito às visões psicanalíticas acerca do feminino e das mulheres, ignorar tais fatores pode levar à perpetuação de interpretações misóginas e androcêntricas que limitam o entendimento das vivências e subjetividades femininas. É necessário frisar que, mesmo considerando a influência histórica, sempre ocorrerá um recorte da História que perpassa pelo viés inevitável das pesquisadoras e pelos aspectos culturais.

Escolhi no primeiro estudo, criticar a visão majoritariamente androcêntrica da História e apresentar um recorte que desse visibilidade para a perspectiva feminina. No entanto, devido ao objetivo de falar da teoria freudiana, foi preciso trazer um recorte que abarcasse o contexto ocidental europeu. Assim, apesar da influência européia no Brasil, para falarmos da Psicanálise brasileira atual é fundamental trazermos a história e cultura do nosso país, o que me motivou, em parte, a escolher analisar a visão de pesquisas brasileiras no segundo estudo. Contudo, senti falta dessa caracterização nos estudos brasileiros, apesar de não ter ficado surpresa pela maioria das pesquisas utilizarem as teorias de Freud e Lacan, pois elas possuem ainda grande prestígio e corroboração.

Ainda assim, foi alarmante que pouquíssimos estudos levassem em consideração aspectos raciais, sociais e culturais ao explorarem o feminino e as mulheres. Mesmo que a Psicanálise traga uma teoria que consegue abranger aspectos psíquicos gerais de qualquer sujeito, acredito que uma Psicanálise atual e do futuro deve considerar como as diferentes culturas que atravessam tais sujeitos os afetam de diferentes formas.

Li há alguns anos um livro de Maria Homem e Contardo Calligaris⁴ no qual eles

⁴ Homem, M. & Calligaris, C. (2019). *Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Papyrus 7 Mares.

discutem sobre as particularidades do ser mulher e do feminino. Em determinado ponto, questionam sobre o futuro da sociedade e como isso pode influenciar o ser sujeito e, conseqüentemente, a Psicanálise. De fato, cada vez mais observamos tecnologias que nos afetam de maneiras nunca vistas antes: possíveis modificações genéticas em fetos, filtros que modificam corpos em tempo real, vidas no metaverso. E para acompanharmos tais mudanças, a teoria também irá passar por certas modificações, mesmo que seja em suas pautas.

Regina Neri⁵ irá dizer que no “[...] contexto de crise de identidade da modernidade, a psicanálise surge como um discurso que vem criar novos conceitos que possam dar conta desses questionamentos emergentes”(p.47). Portanto, assim como no momento de sua criação, a Psicanálise deve permanecer aberta a novos questionamentos e interpretações, e não ficar presa em discursos engessados que promovem preconceitos e becos sem saída.

Durante a apresentação desta dissertação, mencionei como me senti angustiada ao explorar tais tópicos, especialmente ao perceber que mais do que o feminino e a mulher para a Psicanálise, eu também estava questionando o próprio fazer teórico e seus possíveis caminhos futuros. Mesmo após a finalização da escrita, essa angústia permanece. Mas não creio que isso seja algo negativo, afinal, aprendi que sentir essa angústia é, em parte, o que me motiva como pesquisadora. Apesar deste ser o encerramento, não pretendo finalizar as discussões incitadas neste trabalho, desejando, na verdade, estimular que mais trabalhos sejam elaborados. Talvez um dos maiores ensinamentos que obtive com a Psicanálise, com este mestrado e com minhas vivências sendo mulher é que algumas perguntas não devem terminar em interrogações, mas em reticências.

⁵ Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Civilização Brasileira.